



Mona Lisa, 1978 - Bolero

A ditadura da boa forma

Pesquisadores asseguram que apenas 8% da população mundial têm chances de construir um corpo que atenda os rígidos padrões impostos pela indústria da beleza. Ao longo do caminho ficariam os restantes 92%, desconfortáveis no próprio corpo e com a auto-estima destruída. **Págs. 8, 9 e 10**

Castelo na areia

Garrafas plásticas misturadas a solos arenosos: assim, a casa não cai.

Pág. 11

Cuidado, banhista!

Arraias chegam aos rios paulistas e provocam graves acidentes.

Pág. 7



Segunda chance

Projeto devolve alegria de viver a vítimas de derrames cerebrais.

Pág. 5

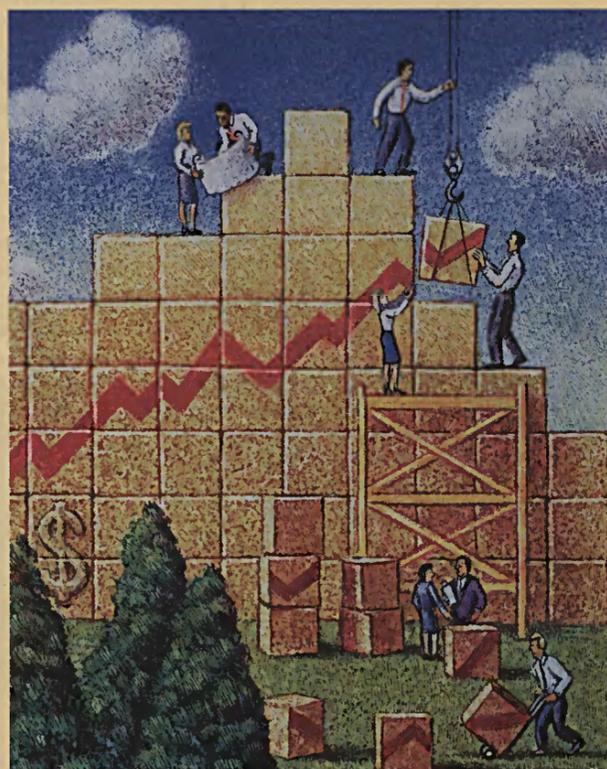


Regina Agrella

PROGRAMA DE EXPANSÃO

Universidade cresce em base sólida

Com um repasse extra-orçamentário de R\$ 29 milhões, UNESP viabiliza a implantação de sete novos câmpus, propõe a criação de novos cursos e reconsidera o número de vagas. **Pág. 3.** Leia, também, o artigo *A Síndrome de Salamanca*. **Pág. 2**



Thomas Dummerberg

Acordo com EUA

Convênio firmado com Wayne State University rende primeiros frutos.

Pág. 6

A Síndrome de Salamanca

HERCULANO DIAS BASTOS

O Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas, Cruesp, tem, entre outras atribuições, a competência para propor soluções para as questões relacionadas com o ensino e a pesquisa nas três universidades estaduais paulistas – UNESP, USP e Unicamp. Nesse sentido, no final de 2001, esse conselho elaborou e fez divulgar amplamente uma Proposta de Política Pública voltada para a “Expansão do Sistema Estadual Público de Ensino Superior”. Nela, está contemplado um crescimento evolutivo dos cursos de graduação das três universidades, pré-fixados em 5%, durante cinco anos consecutivos; apoio a cursos profissionalizantes de nível superior; implementação de programas de formação de professores para o ensino básico modelo PEC – Formação Universitária; utilização de novas tecnologias para expansão do ensino e abertura de novos câmpus.

Ao conceber como inadiável e sugerir as ações necessárias para implementação de seu projeto, o Cruesp deixou claro que essa expansão prevista demandaria recursos complementares do Tesouro Estadual e, em hipótese alguma, poderiam ser utilizados recursos oriundos da arrecadação do ICMS do Estado (9,57%), repassados para as três universidades. É importante reiterar à comunidade que esta política proposta pelo Cruesp está em sintonia com o projeto político do Governador em reorganizar o ensino público superior mantido pelo Estado de São Paulo.

Temos trabalhado muito nessa direção. Com a aprovação dos 13 novos cursos pelo CO, em 2001, a UNESP pôde oferecer, em 2002, 500 novas vagas no seu vestibular e estuda outras ampliações para 2003. No que concerne à criação e implantação de novos câmpus, já se encontra funcionando o câmpus do Litoral Paulista, em São Vicente, com os cursos de Biologia Marinha e Gerenciamento Costeiro. Adicionalmente, pretendemos submeter, em breve, para julgamento do C.O., um projeto (em fase final de elaboração) que aponta para a possibilidade de criação de sete novos câmpus em áreas carentes no interior do Estado de São Paulo. Este assunto será objeto de comentários num segundo boletim, a ser enviado à comunidade.

Esse trabalho conjunto (principalmente a ampliação de vagas), em andamento nas três universidades paulistas, é que fez com que o Governo do Estado destinasse uma verba suplementar de R\$ 50.000.000,00 ao orçamento de 2002, para ser distribuída segundo os índices do ICMS: 2,3447% à UNESP; 2,3647% à Unicamp; e 4,8% à USP, conforme veiculado nos principais jornais do Estado. Desse montante, couberam à UNESP cerca de 12 milhões de reais, para serem utilizados na implantação dos novos cursos.

A elaboração e apresentação prévia de um projeto sobre a criação de novos câmpus em áreas menos desenvolvidas de nosso Estado, aliada a um intenso trabalho de articulação política junto aos setores competentes do governo, sensibilizou o governador e a Assembleia Legislativa que, numa ação inédita, disponibilizou à Universidade recursos da ordem de R\$ 29.000.000,00 do Orçamento do Estado. Esse montante representa 58% do total de novos recursos destinados pelo Governo às três universidades.

Claro está que essa confiança do Poder Público na UNESP aumenta, e muito, a nossa responsabilidade não só na destinação correta desses recursos, mas também em relação à solução dos complexos problemas relacionados com a insuficiência de oferta de vagas no ensino superior público do Estado de São Paulo.

José Carlos Souza Trindade

(Leia mais sobre o assunto na página ao lado.)

A Universidade de Salamanca foi consultada pelos Reis de Espanha, Fernando e Isabel, em maio de 1486, sobre o arrojado projeto de um tal Cristóvão Colombo, que pretendia chegar às Índias navegando para ocidente. Após quatro anos de estudo, a Comissão de Talavera, encarregada de avaliar a matéria, deu parecer contrário, alegando que o diâmetro da Terra seria maior do que o calculado por Colombo, o que tornaria a viagem inviável. Ao que tudo indica, a comissão estava correta quanto ao diâmetro do planeta, mas Colombo também acertou ao insistir em seu sonho, que resultou na descoberta de um novo mundo.

Assim, mesmo acertando, a comissão tornou-se um obstáculo ao avanço do conhecimento, e teríamos a estagnação não fosse a disposição de um grupo de aventureiros e uma rainha ambiciosa terem decidido correr o risco. A Universidade de Salamanca deu parecer contrário à viagem de Colombo, para não correr o risco da incerteza do desconhecido, que contrariava os dogmas da época. Passados mais de quinhentos anos, a universidade parece reviver o que passou a ser chamado de Síndrome de Salamanca – ou seja, uma empedernida resistência às ações inovadoras, um incontornável receio da busca do novo e uma postura dogmática e, quase sempre, comodista. A história das universidades, por si só, possibilita uma melhor compreensão de nossa herança intelectual e do funcionamento de nossas sociedades. O caso do Renascimento é exemplar. A universidade, nascida em Bolonha, no século XI, alimentou dois vícios históricos: o pensamento conservador e a arrogante presunção de monopolizar o saber. Assim, as grandes universidades da Europa (Paris, Praga, Coimbra e Salamanca) ficaram à margem da imensa aventura do período. No espaço temporal de poucas gerações, Leonardo da Vinci, Michelangelo, Rafael, Giotto produziram obras-primas; Colombo



descobriu o Novo Mundo; Gutenberg inventou a imprensa; Lutero rebelou-se contra a Igreja Católica, dando início à Reforma; e Copérnico criou a concepção do universo heliocêntrico, inaugurando a Revolução Científica – e a universidade não participou dessa aventura.

Mesmo em época mais recente, séculos XIX e XX, grandes inventores, como Henry Ford, Thomas Alva Edison, Graham Bell e Santos Dumont, não foram acadêmicos. Figuras ilustres, como Marx, Freud, Einstein e Keynes, assim como grandes expressões das artes e das letras, exerceram seus trabalhos fora das universidades. Em todo o mundo, a segunda metade do século XX foi o período de grande expansão das universidades, e o conhecimento científico e tecnológico avançou em proporções inimagináveis. Ao mesmo tempo, as universidades perdiam de vista a crítica e as preocupações éticas com o modelo de desenvolvimento. Neste jogo de contrastes, a universidade procura rever conceitos e objetivos. A sociedade pressiona e cobra uma nova postura, e a academia não pode virar as costas para a sociedade, numa atitude autista, alienada e arrogante, confundindo autonomia com descompromisso.

O fantasma da Síndrome de Salamanca ressurgiu em nossos dias e provoca a universidade, procura acordá-la e fazê-la descer de sua presunção elitista. En-

tre nós, as universidades públicas estaduais paulistas têm a grande oportunidade de atuar preventivamente contra esta síndrome na política de expansão do ensino superior público do Estado. Claro que é uma questão complexa o crescimento com qualidade num contexto repleto de desconquias e incertezas. O trato destas questões, sem dúvida, exigirá muita habilidade e espera-se da comunidade acadêmica uma postura mais avançada e menos conservadora.

Posicionar-se com inteligência política e responsabilidade social para afastar a Síndrome de Salamanca e não obstruir a política de crescimento e desenvolvimento exigida pela sociedade, desencadeada pelo Governo do Estado, aprovada pelo Cruesp e assumida corajosamente pela UNESP é o que se espera. Certamente, poucos discordam que a universidade deva ser o centro das ações inovadoras, da inteligência criativa, comprometida com as ciências, as artes, a filosofia e com a sociedade. Portanto, deve retomar sua utopia, seu sonho, sua aventura e afastar, para bem distante, o fantasma da Síndrome de Salamanca.

Herculano Dias Bastos é médico, professor da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu, e presidente da Comissão de Contratação Docente (CCD).

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: José Carlos Souza Trindade
Vice-reitor: Paulo Cezar Razuk
Pró-reitor de Administração: Roberto Ribeiro Bazilli
Pró-reitor de Graduação: Wilson Galhego Garcia
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Marcos Macari
Pró-reitor de Extensão Universitária: Benedito Barraviera
Secretário Geral: Osvaldo Aulino da Silva
Chefe de gabinete: Luiz Antonio Vane
Assessoria de Informática: Adriano M. Cansian e Gérson Francisco

Assessoria Jurídica: Sandra Julien Miranda
Assessoria de Planejamento e Orçamento: Herman Cornelis Voorwald
Assessoria de Relações Externas: José Afonso Carrijo de Andrade
Diretores das Unidades Universitárias: Francisco Antonio Berloz (FO-Araçatuba), Luiz Marcos da Fonseca (FCF-Araraquara), Ricardo Samih Georges Abi Rached (FO-Araraquara), José Antonio Segatto (FCL-Araraquara), Elizabeth Berwerth Stuchi (IQ-Araraquara), João da Costa Chaves Junior (FCL-Assis), José Carlos Plácido da Silva (FAAC-Bauru), José Brás Barreto de Oliveira (FC-Bauru), Lauro Henrique Mello Chueiri (FE-Bauru), Carlos Antonio Gamero (FCA-Botucatu), Marilza Vieira Cunha Rudge (FM-Botucatu), José Roberto Corrêa Saglietti (IB-Botucatu), Luiz Carlos Vulcano (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Guilherme Eugênio Filippo Fernandes Filho

(FE-Guaratinguetá), Vicente Lopes Júnior (FE-Ilha Solteira), José Antonio Marques (FCAV-Jaboticabal), Kester Carrara (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior (FCT-Presidente Prudente), Massaroni Takaki (IB-Rio Claro), Maria Rita Caetano Chang (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Marisa Trench de Oliveira Fontterrada (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Assessor chefe: Cesar Mucio Silva
Editor: Paulo Velloso
Redação: Genira Chagas e Oscar D'Ambrosio
Programadora Visual: Cristiane Tassi
Colaboraram nesta edição: Alejandro Fabian e

Waltair Martão (reportagem); Hécio Toth, Noélia Ipê e Regina Agrella (fotografia)
Produção: Mara Regina Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 20.000 exemplares
 Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI).
 A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 4º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone (0xx11) 252-0323. Fax (0xx11) 252-0207.
e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
home-page: http://www.unesp.br/jornal/
Fotolito e Impressão: GraphBox-Caran

Universidade cresce em base sólida

Com repasse de R\$ 29 milhões, UNESP dá passo importante para sua expansão

A construção de novos câmpus, a criação de novos cursos e o aumento do número de vagas são itens fundamentais no Plano de Gestão da atual administração da UNESP. Em dezembro último, ao ver aprovado, na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), o repasse de R\$ 29 milhões do Governo estadual, a Universidade deu mais um passo importante para concretizar esses objetivos. "Esse montante está incluído nos R\$ 50 milhões de uma verba suplementar destinada pelo Governo justamente para que as três universidades públicas, UNESP, USP e Unicamp, criem novos cursos e ampliem o número de vagas. Isso se torna necessário pela crescente demanda social e insuficiente oferta do ensino superior público", afirma o governador Geraldo Alckmin.

Para o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, Ruy Altenfelder, o governo paulista vê com grande satisfação a disposição e determinação das três universidades, expressa pelo Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp), em ampliar a sua oferta de vagas. "A UNESP, com sua vocação de interiorização, vem contribuindo para au-

mentar o número de vagas e de cursos. Se existe uma disputa por verbas entre elas, isso é uma expressão sadia desse desejo", avalia.

De fato, esperava-se que os R\$ 50 milhões fossem distribuídos igualmente entre as três universidades ou que a divi-

dêmicas se mobilizaram para que isso acontecesse", diz o deputado estadual Walter Feldman, presidente da Alesp. "Os critérios que prevaleceram nessa divisão foram absolutamente meritórios, e o resultado acabou contemplando o programa de expansão da UNESP."

dos com um repasse maior do que aquele imaginado anteriormente."

CONSELHO UNIVERSITÁRIO

A articulação política entre a UNESP e o corpo legislativo paulista foi possível, em grande parte, segundo o reitor Trindade, graças ao respaldo do Conselho Universitário (CO). "Como órgão máximo da instituição, ele vem discutindo assuntos importantes para a expansão da Universidade, fortalecendo o apoio da comunidade universitária ao trabalho da administração central", afirma.

A verba repassada à UNESP é destinada, exclusivamente, a projetos expansionistas. Destaca-se, entre eles, a construção de sete novos câmpus, localizados, a princípio, nos municípios de Iperó, Ourinhos, Registro, Dracena, Itapeva e Tupã. Ainda estão sendo propostos, num primeiro momento, novos cursos de Engenharia Mecatrônica, Ciências Ambientais, Turismo e Ecoturismo. Também serão reconsiderados o número de vagas e as alternativas de horários em cursos já existentes. "Estamos elaborando um programa moderno, vinculado às necessidades práticas da sociedade", afirma Trindade.

O reitor também ressalta que, desde o ano passado, a UNESP vem trabalhando para essa expansão. "O CO, já para o último vestibular, aprovou a criação de mais 530 vagas, duas profissões – Relações Internacionais e Engenharia Ambiental – e 13 opções de cursos", enumera. "Também ocorreu o estabelecimento de um novo câmpus, o do Litoral Paulista, em São Vicente."



O reitor e o plenário da Assembléia: "prevaleceu o bom senso"



Fotos Regina Agrella

ção da verba seguisse a proporcionalidade que ocorre com o repasse do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) – 5,2% para a USP; 2,3% para a UNESP; e 2,1% para a Unicamp –, mas isso não aconteceu. A divisão dos novos recursos deixou a UNESP com aproximadamente R\$ 29 milhões, a USP com R\$ 12 milhões e a Unicamp, com R\$ 5,5 milhões. "Forças políticas e aca-

Para o reitor José Carlos Souza Trindade, os deputados se sensibilizaram com os projetos de expansão da UNESP, que eram maiores do que os da USP e os da Unicamp. De fato, esses projetos incluem a criação de novos câmpus, principalmente em áreas geográficas carentes de ensino superior público. "Receptivas ao nosso programa de expansão, as autoridades fizeram com que prevalecesse o bom senso e acabamos premia-

INVESTIMENTOS

Um "raio X" da Instituição

Assessoria desenvolve ações conjuntas para identificar prioridades

A melhor maneira de obter informações para direcionar recursos em infra-estrutura física, instalações e equipamentos é estabelecer um diagnóstico que permita conhecer a real situação de uma instituição. Justamente com esse objetivo básico, a Assessoria de Planejamento (Apl) da UNESP está desenvolvendo duas ações. "Elas caminham em paralelo e buscam identificar as prioridades para realizar investimentos", explica o assessor-chefe Herman Jacobus Cornelis Voorwald.

A primeira delas é o Programa Laboratórios Didáticos de Graduação, que está realizando o cadastramento de todos os laboratórios didáticos de graduação das unidades universitárias da UNESP, levantando informações que vão desde a área física até a avaliação de itens como rede elétrica e hidráulica. "Esse esforço pela busca constante de um ensino de graduação de qualidade permite avaliar as atuais deficiências e estabelecer futuras demandas, principalmente com a criação de novos cursos", afirma Voorwald.

ROTEIRO DE VISTORIAS

O cadastramento dos laboratórios vem ocorrendo por meio

de visitas de engenheiros da Apl. As visitas seguem uma programação de roteiros de vistorias, que se iniciou em janeiro, na Faculdade de Engenharia (FE), câmpus de Ilha Solteira, e tem seu término programado para abril próximo, na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) do câmpus de Botucatu. "São coletadas informações sobre número de alunos, cursos e horários em que o laboratório é usado", diz o assessor-chefe. "Também são descritos os equipamentos disponíveis e identificadas as necessidades em função das condições de ensino almeçadas."

A segunda ação da Apl é um Diagnóstico Institucional. Ele consiste no preenchimento, por integrantes das Con-

gregações, coordenadores de curso e chefes de departamento de todas as unidades da UNESP, de uma pesquisa com 26 itens que busca avaliar a Universidade em seus

técnico-administrativos e alunos serão consultados até abril, num total de aproximadamente 900 pessoas.



Cadastramento de laboratórios: vistoria e diagnóstico

mais diversos aspectos, desde os educacionais até de infra-estrutura, como segurança, iluminação e dependências sanitárias. "Professores, servidores

Teremos, assim, mais uma importante ferramenta nas mãos para direcionar investimentos", conclui Voorwald.

Fotos Thor Crespi Amêndola

Vivência repassada

Curso propõe renovação de quadros aproveitando experiências anteriores

Gerenciar uma universidade pública não é das tarefas mais fáceis. Aliás, constitui-se, quase sempre, em grande desafio. Exige não só competência técnica e conhecimento, mas capacidade para lidar com numerosas variáveis – e isso demanda uma prática que só se adquire ao longo dos anos. Para formar quadros cada vez mais aptos a conduzir os caminhos da UNESP, a Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, realiza, entre 8 de março e 28 de junho, sempre às sextas-feiras, o curso de extensão Gestão Universitária. “Uma das propostas deste curso é propiciar uma renovação dos quadros, de modo que aqueles que estão próximos à aposentadoria passem aos mais novos o que sabem e aprenderam sobre gestão da universidade pública”, diz o sociólogo José Anto-

nio Segatto, diretor da FCL e responsável pelo tema “Desafios, paradoxos e problemas da gestão numa universidade em mudança”.

O curso é dividido em três módulos: Autonomia Universitária e Gestão; Tópicos Especiais de Gestão e Organização Universitária; e Rumo à Gestão Democrática da Universidade. Contará com a participação de docentes da FCL, do pró-reitor de Administração, Roberto Ribeiro Bazilli, que enfocará o tema “Atos jurídicos e administrativos”, e do responsável pelo Grupo Técnico de Planejamento Estratégico (GPE) da Assessoria de Planejamento e Orçamento (Apl), Rogério Luis Bucceli, que falará sobre “Questões orçamentárias e gestão financeira”. O objetivo é estimular e desenvolver a capacidade de análise crítica e uma mentalidade gerencial



Hélio Toth

Bazilli: “Gestão Universitária”

mais dinâmica e empreendedora”, explica o cientista social Marco Aurélio Nogueira, da FCL, que discorrerá, no evento, sobre a sociedade da informação, a gestão como questão de projeto e os recursos humanos na universidade pública. (Outras informações, veja Agenda, à página 15.)

LEITURA DINÂMICA

Portugal, aqui vou eu

Com o objetivo de firmar parcerias em cursos de Línguas, Literatura, Tradução, Direito, História e Relações Internacionais, entre outras áreas do conhecimento, a UNESP e a Universidade Autónoma de Lisboa (Ual), que conta com 64 cursos de graduação, pós-graduação, especializações e doutorados e 15 centros e institutos de pesquisa, firmaram, em outubro último, um acordo de cooperação com validade de três anos. “Um dos objetivos é o intercâmbio de docentes e discentes entre as instituições, no âmbito da graduação e da pós-graduação”, diz a coordenadora do acordo, educadora Rita Filomena Januário Bettini, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, câmpus de Presidente Prudente. Entre as amplas possibilidades do convênio, destaca-se a participação da UNESP no European Universities Continuing Education Network (Eu-cen), rede que envolve 177 universidades do Velho Continente.



Ilustrações Saul Steinberg

Perda sentida

Logo após o término do ano em que comemorou seus 25 anos, a UNESP perde um dos mentores de sua criação com o falecimento, em 9 de janeiro último, do advogado José Bonifácio Coutinho Nogueira, que era o Secretário da Educação do Estado de São Paulo, em 1976, ano da criação da Universidade. Foi ele quem enviou ao então presidente do Conselho Estadual de Educação, Moacir Expedito Vaz Guimarães, o projeto de lei que criava uma nova universidade estadual, integrando os Institutos Isolados de Ensino Superior mantidos pelo Estado e, sob a forma de autarquia associada, o Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza”. “Nogueira tinha um carinho muito especial pela UNESP”, atesta o advogado Roberto Ribeiro Bazilli, pró-reitor de Administração, que prestou depoimento sobre a criação da UNESP – destacando a participação de Nogueira – ao projeto Memória da Universidade, dirigido pela historiadora Anna Maria Martinez Corrêa, coordenadora do Centro de Documentação e Memória (Cedem), de São Paulo.

Universo de sucata

Valorizar as experiências de ensino e aprendizagem nas áreas de Ciências, Matemática e Língua Portuguesa é o objetivo do prêmio “Professor Nota 10”, promovido pela Fundação Victor Civita. Neste ano, na área de Ciências, as três primeiras colocadas são alunas do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências (FC) da UNESP, câmpus de Bauri, com o projeto “A utilização do dinamismo da ciência na construção do conceito científico”. Letícia Roveri Barbosa, Luciene de Lourenço Pereira e Selma Santiago Manchine são mestrandas, orientadas pela bióloga Ana Maria de Andrade Caldeira, que ministra a disciplina Didática das Ciências, na FC. “A premiação referenda a qualidade dos cursos da UNESP e destaca nossa contribuição para a rede pública de ensino”, avalia Ana Maria. Com o projeto, aplicado em classes de 4º e 5º séries do ensino fundamental do interior do Estado, as alunas trabalham com a concepção de que a ciência é mutável, construindo, por exemplo, maquetes com sucata na representação do universo.

Que história é essa?

Pesquisadores, professores e alunos de pós-graduação de Marília e região que realizam trabalhos ligados a História, memória e relações de gênero têm tido, desde o final do ano passado, a possibilidade de discutir e divulgar suas pesquisas. Isso se tomou possível graças à criação de um Grupo Regional de Estudos de Gênero na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília. “Temos trocado idéias e informações com diversas universidades do País”, informa a coordenadora do grupo, historiadora Lídia Maria Vianna Possas, docente da unidade. A idéia da criação do grupo surgiu durante o XXI Simpósio Nacional de História, realizado na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, em julho passado, e foi patrocinada pela Associação Nacional de História (ANPUH). “Estamos abertos a quaisquer contatos nesta área, dentro ou fora da UNESP”, diz Lídia. O grupo pode ser contatado pelo e-mail possas@marilia.unesp.br



EDUCAÇÃO

Sexo sem preconceito

Núcleo forma educadores que lidam com adolescentes

Professores que lidam com crianças e jovens costumam enfrentar sérias dificuldades para lidar com a ansiedade, o preconceito e a desinformação sobre a sexualidade dos adolescentes. Para formar profissionais mais preparados para lidar com essas delicadas questões, o Núcleo de Estudos da Sexualidade (Nusex) da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, criado em 2000, promove, a partir de março, o Curso de Especialização em Sexualidade Humana e Educação Sexual, que capacitará professores e profissionais das áreas de Educação e Saúde para lidar com questões da área em sala de aula. “Formar especialistas em sexualidade humana possibilita sistematizar ações pedagógicas sobre o tratamento a ser dado a questões envolvendo sexo no ensino fundamental e médio”, afirma o psicólogo Paulo Rennes Margal, coordenador do Núcleo. (Leia outras informações sobre o curso à página 15, na seção Agenda.)

O Nusex promove debates e realiza intercâmbio com grupos de pesquisa de outras instituições. “Já somos 30 pesquisadores, entre psicólogos, pedagogos e cientistas sociais, unespianos ou não. Realizamos estudos conjuntos, debatemos idéias e realizamos intercâmbios com grupos temáticos de outras instituições”, relaciona Ribeiro, que é professor de Pós-Graduação em Educação Superior

da FCL. Ele cita, como exemplo dos trabalhos ali desenvolvidos, um mapeamento da educação sexual no Brasil, que se inicia no final do século XIX e chega até os nossos dias. “É uma investigação multidisciplinar, que envolve a história, a antropologia social, a educação, a psicologia e a psiquiatria.”

Funcionando em instalações próprias desde novembro último, o Núcleo articula conhecimentos de psicologia, antropologia social e educação. “Também poderemos vir a atuar em áreas como medicina social, higiene, medicina legal, psicanálise e psiquiatria, que estão relacionadas com os nossos objetivos de estudo, que são a sexualidade humana e o comportamento sexual”, diz Ribeiro. “Desejamos que o aluno encontre na escola um espaço de formação e de informação sem preconceitos nessa área tão importante e, muitas vezes, esquecida.”



Arquivo do pesquisador

A equipe do Nusex: debate de idéias

PRÊMIO

Idéia luminosa

Engenheiros recebem láurea nacional com trabalho sobre educação energética

de Engenharia (FE) da UNESP, câmpus de Guaratinguetá, a elaborarem o artigo “Discussão de Critérios para o Desenvolvimento de um Modelo Educacional voltado à Conservação de Energia”. O texto acabou por ser premiado, entre 24 concorrentes, como um dos melhores trabalhos do XVI Seminário Nacional de Produção e Transmissão de Energia Elétrica (SNPTEE), ocorrido, em outubro último, em Campinas, SP. “O trabalho oferece critérios para que seja estabelecido um caminho multidisciplinar para a educação em energia, que una o conhecimento técnico das engenharias com elementos das Ciências Humanas e Sociais”, explica Dias.

Promovido pelo Comitê Nacional Brasileiro de Produção e Transmissão de Energia Elétrica, o evento contou

com a participação de representantes de instituições como USP, Unicamp, Eletrobrás e Furnas. O artigo dos docentes da UNESP se destacou pela importância dada ao professor no ensino do uso racional de energia. “Seja no nível fundamental, médio ou superior, o professor ocupa uma posição estratégica na implantação de um programa de conservação de energia, mas necessita de uma estrutura que o auxilie no planejamento escolar”, diz Mattos. Com ele concorda o colega Balestieri, que faz uma ressalva: “Para que isso ocorra, os profissionais do setor energético, de empresas ou universidades, precisam fornecer a esses docentes informações atualizadas”.



Hélio Toth

Trinta anos após a primeira crise do petróleo, a conservação de energia, em 2001, voltou a ocupar as primeiras páginas dos jornais brasileiros. A questão ganhou grande destaque também na Universidade e motivou o engenheiro eletricitista Rubens Alves Dias, o físico Cristiano Rodrigues de Mattos e o engenheiro mecânico José Antônio Perrella Balestieri, da Faculda-

De volta à vida

Projeto devolve alegria de viver a vítimas de acidentes vasculares cerebrais

Certas atividades, cotidianas, são tão mecânicas que sequer prestamos atenção a elas. Levantar da cama, caminhar, escovar os dentes ou ir ao banheiro são ações realizadas no “piloto automático”, sem pensar. Imagine, porém, ser privado, de um momento para outro, dessas ações aparentemente tão simples. É o que ocorre, com diversos graus de gravidade, com as pessoas que sofrem de hemiplegia, a paralisia de um lado do corpo e/ou da face, geralmente decorrente de um acidente vascular cerebral (AVC), ou derrame cerebral. “A hemiplegia, que acomete geralmente pessoas com mais de 45 anos, consiste num déficit – leve, moderado ou grave – da movimentação voluntária de uma metade do corpo e pode levar, em alguns casos, à perda de memória”, explica o fisioterapeuta Augusto Cesinando de Carvalho, coordenador do Projeto Hemiplegia, que funciona no Ambulatório de Fisioterapia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, câmpus de Presidente Prudente. (Veja quadro.)

Professor do Departamento de Fisioterapia da unidade, Carvalho criou o projeto para reintegrar hemiplégicos à sociedade. “A literatura informa que dois anos após um AVC, a possibilidade de recuperação dos movimentos é muito pequena. Nosso trabalho aqui é ultrapassar, se possível, essa meta, mas, acima de tudo, sociabilizar o portador de hemiplegia”, comenta.

A pedra de toque do projeto é oferecer qualidade de vida à pessoa com hemiplegia. “Atividades como alongamento dos membros superiores, formação de círculos e atividades com bambolê, bastão e bexigas são importantes nesse processo. Como a recuperação motora é lenta e exige muita perseverança, o maior benefício imediato é a troca de experiências entre pacientes com dificuldades semelhantes”, conta Carvalho. “O convívio entre os hemiplégicos é essencial. Eles apresentam as mesmas dificuldades e desencantamentos. Podem, durante a fisioterapia, conversar sobre isso e resgatar aspectos pessoais que estavam perdidos.”



Carvalho (de pé, na foto acima): reintegração à sociedade e melhor qualidade de vida



FRÁGEIS COMO CRISTAL

O Projeto existe desde junho de 2000 e envolve, além do coordenador, 22 alunos do curso de Fisioterapia, do primeiro ao quarto ano. “A grande vantagem desse projeto é o trabalho em grupo. Muitos dos nossos pacientes vêm mais cedo ao ambulatório só para conversar com as fisioterapeutas. Alguns chegam muito sérios, tristonhos, mas logo depois do primeiro encontro voltam a sorrir”, conta a quartanista Stela D’Alva Freitas, 23 anos, que acompanha Carvalho desde o início dos trabalhos.

Para muitos alunos, o Projeto Hemiplegia oferece a primeira oportunidade de lidar diretamente com um paciente. “De início, eles têm medo de tocar nos pacientes, em sua maioria idosos. Aham que eles são frágeis e podem quebrar como cristal”, comenta o docente. “Nunca pensei em trabalhar com idosos”, admite a primeiranista Milene Fanton, de 19 anos. “Mas, após este contato, decidi voltar meus estudos para esta área.”

Os idosos vêem os jovens estudantes como protetores. “Nós nos posicionamos atrás deles durante os exercícios,

prontos para ampará-los numa eventualidade, e isso gera uma grande proximidade entre nós”, conta o segundanista Eduardo Masamitsu Shimabukuru, 24 anos. O Projeto conta com 40 cadastrados e cerca de 25 pessoas – que frequentam os encontros que ocorrem, das 13h às 14h, às segundas e sextas-feiras.

Um dos fatores que empurra o astral desses encontros para cima, garante Carvalho, é o ludismo. “A princípio sisudos, os pacientes passam, com o tempo, a rir uns dos outros e, sem perceber, acabam realizando movimentos dos quais não se julgavam mais capazes”, ele explica. “Tente se abaixar, pegar uma bexiga, sentar sobre ela e fazê-la explodir. Observe quantos músculos entram em ação”, detalha.

Durante os encontros são discutidas questões de interesse do grupo, como a parte do corpo que mais incomoda, a relação com a família e as diferenças da vida após o derrame. O clima de confraternização inclui a comemoração dos aniversários dos integrantes do grupo e uma festa de final de ano, com direito a sanfoneiro, bolo e leitura de cartões de Natal. “O projeto, pelo seu ineditismo, já vem chamando a atenção de outras

universidades brasileiras e até de Portugal, que está pensando em implantar atividades semelhantes, formando até grupos interdisciplinares, com a participação de psicólogos e cardiologistas”, informa Carvalho. Para o fisioterapeuta, o Projeto Hemiplegia ganha ainda mais relevância num país como o Brasil, em que não existe respeito pelo deficiente, especialmente pelo idoso. “Nosso principal objetivo é promover uma melhora da qualidade de vida, proporcionando convívio entre iguais e exercícios de fisioterapia que estimulem cada participante a buscar e a ultrapassar os próprios limites”, conclui Carvalho.

Alejandro Fabian

ABC do AVC

O acidente vascular cerebral (AVC) é uma lesão do cérebro causada por um “acidente” em um dos vasos sanguíneos que irrigam a região cerebral. Ocorre, em 85% dos casos, pelo entupimento desses vasos, que impede a circulação (AVC isquêmico), ou quando um vaso se rompe, em 15% dos casos, provocando um sangramento no cérebro (AVC hemorrágico). Os AVCs são fatais em cerca de 1/3 dos casos, representando uma das principais causas de morte nos países desenvolvidos.

O AVC é mais frequente nas pessoas com mais de 45 anos. Os fatores de risco mais importantes são a hipertensão arterial, que enfraquece as paredes das artérias, e a arteriosclerose, que torna as paredes mais espessas, dificultando o fluxo de sangue circulante. Outros fatores são a idade avançada, os casos de diabetes, o tabagismo e a obesidade, o sedentarismo e o uso de contraceptivos orais (pílula).

DEPOIMENTO

Rir é o melhor remédio

“Nunca vou esquecer do dia 2 de fevereiro de 1995. Foi o dia em que sofri um derrame isquêmico. Fiquei paralisada, numa cama. Não conseguia fazer nada sozinha. Os médicos diziam que eu ficaria daquele jeito pelo resto da vida. Um ano depois, vim aqui para o Ambulatório de Fisioterapia da UNESP. Comecei a fazer sessões de fisioterapia com atendimento individual. Depois, participei das sessões em grupo do Projeto Hemiplegia. Foi uma oportunidade de conviver com pessoas com problemas semelhantes aos meus. Ríamos muito durante os exercícios. Os alunos do curso são nossos anjos da guarda, e nos tratam com extremo carinho e atenção. Ve-

nho aqui duas vezes por semana e procuro fazer sempre o melhor. Em casa, pinto quadros e tento me reintegrar à sociedade. O importante é ter força de vontade e acreditar que sempre se pode melhorar mais um pouco.”

Nilva Alice Vitória, 40 anos, paciente do Projeto Hemiplegia



Convívio entre iguais e senso lúdico: ultrapassando limites

Uma ponte para Detroit

Acordo com a Wayne State University já rende primeiros frutos

Dentro da proposta da atual administração de firmar rapidamente acordos e convênios internacionais que tragam benefícios concretos para docentes e estudantes nas mais variadas áreas do conhecimento, o reitor da UNESP, José Carlos Souza Trindade, e o presidente da Wayne State University, de Detroit, EUA, Irvin Reid, assinaram, em fevereiro último, no Gabinete do Reitor, em São Paulo, um acordo em que se comprometem a realizar projetos de pesquisa conjunta e a desenvolver diversas ações de cooperação. "Este é o primeiro passo para a realização de amplos programas científicos e acadêmicos", afirmou, na ocasião, o reitor da UNESP.

Criada em 1956, a Wayne State University, com 15 faculdades, 128 cursos de graduação, 136 mestrados e 61 doutorados, além de cerca de 30 programas profissionais, conta com mais de 30 mil alunos. "É com alegria que verificamos a

rapidez com que o acordo com a UNESP foi firmado. Em poucos meses, passamos de um memorando de entendimento para as primeiras medidas concretas", declarou Reid.



Carrijo, Trindade e Reid: intercâmbio de cinco anos

PRIMEIRAS AÇÕES

Estiveram presentes à cerimônia, pela UNESP, além do reitor, o vice-reitor Paulo Cesar Razuk, pró-reitores e assessores. Representando a universidade americana, compareceram John Crissman e Edson Pontes, respectivamente reitor e assistente para assuntos internacionais da Escola de Medicina da Wayne State University para darem cursos na Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, câmpus de Botucatu. "Também está previsto o intercâmbio de alunos entre os cursos de Medicina das duas instituições e a possibilidade de as universidades se associarem em cursos a distância", disse Pontes.

Regina Agrella

e investimentos de US\$ 120 milhões anuais. "O intercâmbio, com duração de cinco anos, já começou na prática", afirmou Crissman. "As primeiras ações estão em andamento nas áreas de Engenharia e Medicina", comentou, por sua vez, o assessor-chefe da Assessoria de Relações Externas (Arex), José Afonso Carrijo de Andrade, que mediou a aproximação entre as duas universidades.

Ainda em fevereiro, houve a seleção de alunos de Engenharia Mecânica dos cursos da UNESP para irem aos EUA e a presença de médicos oncologistas da Escola de Medicina da Wayne State University para darem cursos na Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, câmpus de Botucatu. "Também está previsto o intercâmbio de alunos entre os cursos de Medicina das duas instituições e a possibilidade de as universidades se associarem em cursos a distância", disse Pontes.

FAPESP

Laços estreitados

Pró-reitor da UNESP é nomeado conselheiro da Fundação

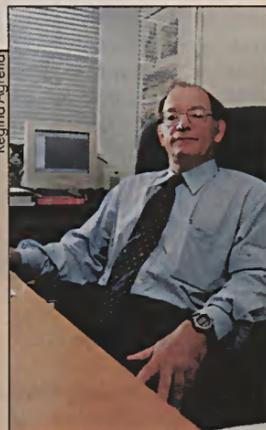
O biomédico Marcos Macari, pró-reitor de Pós-graduação (Propp) da UNESP, foi nomeado, em dezembro último, representante dos institutos de ensino superior e pesquisa oficiais e particulares do Estado de São Paulo no Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Macari foi nomeado pelo governador Geraldo Alckmin após ser o mais votado na eleição realizada, em novembro, para compor a lista tríplice enviada ao Palácio dos Bandeirantes. "É uma satisfação participar de um grupo tão importante para a definição das grandes políticas da Fundação", disse, ao tomar posse, o novo integrante do Conselho.

Responsável pela orientação geral e pelas principais decisões da política científica, administrativa e patrimonial da Fapesp, o Conselho Superior é formado por doze membros, com mandato de seis anos. Seis deles são de livre escolha do governador do Estado e os demais por ele indicados a partir de listas tríplices eleitas pelas universidades estaduais paulistas e pelas instituições de ensino e pesquisa, públicas e particulares, sediadas no Estado de São Paulo. "É preciso prosseguir no caminho que levou a Fapesp a ser uma instituição exemplar e de competência internacional na área científica e tecnológica", afirma Macari, segundo docente da UNESP a integrar o atual Conselho, que tem na sua vice-presidência o médico Paulo Eduardo de Abreu Machado, da Faculdade de Medicina, câmpus de Botucatu.

Professor do Departamento de Fisiologia Animal da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus de Jaboticabal, Macari apresenta vasto currículo, que inclui o doutorado em Fisiologia pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) e pós-doutorado no Agricultural Research Council da Universidade de Cambridge, Inglaterra, na

Universidade de Yamagushi, Japão, e na Universidade de Laval, em Quebec, Canadá. "A Fapesp tem que perseverar na concessão exclusiva de apoio para iniciativas consistentes e de elevado mérito científico em respeito, principalmente, ao seu financiador: o contribuinte paulista", pondera o conselheiro.

Universidade de Yamagushi, Japão, e na Universidade de Laval, em Quebec, Canadá. "A Fapesp tem que perseverar na concessão exclusiva de apoio para iniciativas consistentes e de elevado mérito científico em respeito, principalmente, ao seu financiador: o contribuinte paulista", pondera o conselheiro.



Macari: posse

PRÊMIO

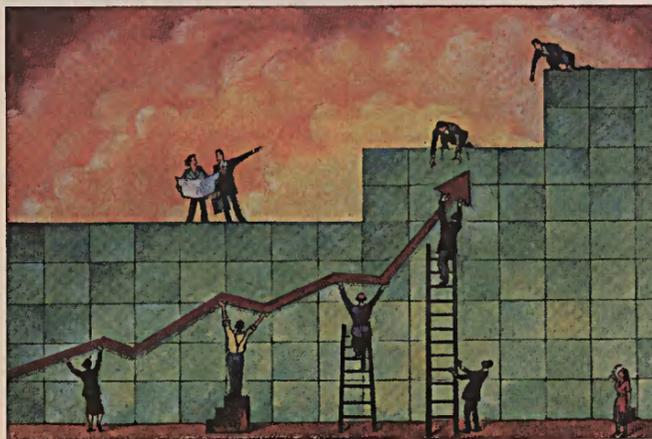
A teoria, na prática, é a mesma coisa

Alunos vencem competição que simula mundo dos negócios

Um dos maiores desafios enfrentados pelos cursos universitários é instrumentalizar o aluno de forma que ele passe, sem traumas, da teoria aprendida nas salas de aula à prática do mercado de trabalho. Equívocos cometidos em início de carreira, por desconhecimento do dia-a-dia do mundo empresarial, podem levar a uma demissão sumária e até mesmo comprometer uma carreira. Na tentativa de oferecer simulações cada vez mais perfeitas do mundo dos negócios, competições virtuais simuladas com empresas fictícias – uma prática bastante comum nos EUA –

começam a ser realizadas no Brasil. Uma das mais conhecidas é a Copa Universitário que, no segundo semestre de 2001, teve como cinco primeiras colocadas equipes da Faculdade de Engenharia (FE) da UNESP, câmpus de Bauru. "Mais importante do que a vitória são os ensinamentos que o jogo traz", diz o chefe do Departamento de Engenharia de Produção da FE, José de Souza Rodrigues. "Quem participa desse tipo de certame aprende a valorizar o trabalho em equipe, sabendo como lidar melhor, por exemplo, com prazos para a tomada de decisões."

Criada em 2000, a Copa oferece mais de R\$ 25 mil em prêmios. Promovida pela empresa de consultoria Spinelli e Associados e pelo Centro de Integração Empresa Escola (Ciee), transforma cada grupo de estudantes na diretoria de uma empresa fictícia. As equipes vencedoras – cada uma com quatro alunos, orientados por um professor do Departamento de Engenharia de Produção da FE – enfrentaram mais de 3 mil alunos de 130 universidades de todo o País. "Os participantes recebem, pela internet, as informações sobre a empresa e precisam tomar decisões estratégicas que incluem desde a produção até a comercialização de um bem", explica Felipe Spinelli, diretor geral da Spinelli Associados e idealizador da Copa. "Aprender a trabalhar com essas variáveis é fundamental para o futuro profissional da área", conclui o engenheiro Rodrigues.



Wei Yan/Reprodução

BOLSA DE ESTUDO

Arigatô, sayonara

Dezoito meses para conhecer o ensino japonês

Educação japonesa é considerada uma das melhores do mundo. Para quem deseja conhecer, em detalhes, como ela funciona, o Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia (*Monbukagakusho*) do Japão está concedendo bolsas de estudo para "Treinamento para professores do Nível Fundamental e Médio", destinadas a professores e profissionais brasileiros de ensino de nível fundamental e médio. "Estas bolsas, oferecidas em áreas como Administração Escolar e Método Educacional, visam proporcionar aos professores brasileiros a oportunidade de conhecer o ensino e a cultura do Japão", diz o cônsul brasileiro de Assuntos Culturais e de Imprensa, Keiji Hamada.

A bolsa será concedida para o período entre outubro de 2002 e março de 2004. Haverá aulas de língua japonesa, nos primeiros seis meses, para aqueles que não tenham domínio suficiente da língua. O Ministério oferece uma bolsa mensal de US\$ 1.380, passagem de ida/volta e auxílio desembarque de US\$ 190, além de isenção de taxas escolares.

Informações podem ser obtidas de 1º a 28 de março, das 9h30 às 11h30 e das 14h às 17h, no Departamento Cultural do Consulado Geral do Japão, em São Paulo, à Avenida Paulista, 854, ou pelo telefone (0xx11) 287-0100, no setor de Bolsas de Estudo.

Arraia graúda

Peixe chega aos rios de São Paulo e provoca graves acidentes

Até há pouco tempo ausentes dos rios paulistas, as arraias começam a invadir as águas do Estado. Tanto pior para os moradores e visitantes de balneários. As arraias são, em princípio,



Haddad Jr. e a arraia: "catástrofe"

peixes pacíficos – desde que não sejam molestados. Como seu hábitat preferido são os leitos arenosos das águas rasas, onde se deixam ficar, imóveis, por longas horas, a probabilidade de serem pisadas é grande. Quando isso acontece, elas contra-atacam com violência, utilizando o ferrão da ponta da cauda, que é dotado de um poderoso veneno. O veneno provoca, além de fortes dores, feridas de difícil cicatrização no local atingido e, não raro, necroses. "A dor surge imediatamente após a ferroadada e a necrose, cerca de 24 horas depois do acidente", diz o dermatologista Vidal Haddad Jr., do Departamento de Dermatologia da Faculdade de Medicina (FM) do câmpus de Botucatu.

Autor de *Atlas de Animais Aquáticos Perigosos do Brasil* (Editora Roca) e professor do recém-criado curso de Biologia Marinha, no Câmpus do Litoral Paulista, onde ministra a disciplina Toxinologia de Animais Aquáticos, Haddad Jr. vem constatando a presença desses peixes em locais onde, antes, eles não existiam. "Com base em relatos de pescadores e em registros de

acidentes colhidos em pronto-socorros, notamos que as arraias vêm se distribuindo cada vez mais ao longo do Rio Paraná", diz. "Elas já foram observadas, inclusive, provocando acidentes entre pescadores na Usina de Jupia, em ponto muito próximo à entrada do Rio Tietê." O pesquisador descreve a introdução desse peixe nas águas do Tietê como "catastrófica". "Devido às grandes áreas alagadas no Estado, com margens arenosas formando praias de potencial turístico e, principalmente, devido à grande densidade demográfica da região, os encontros entre arraias e seres humanos se tornam bastante prováveis". Haddad Jr. já registrou dezesseis desses casos, entre os municípios de Presidente Epitácio e Três Lagoas, no extremo Oeste de São Paulo. "Mas o



Arraia ticonha, capturada em Ubatuba, SP

número de acidentes certamente é bem maior e tende a aumentar", afirma.

O tratamento para acidentes com arraias, segundo o pesquisador, é o mesmo para qualquer espécie, seja ela de água salgada ou de água doce. "É preciso retirar eventuais fragmentos de ferrão, imergir o local ferido em água quente e, invariavelmente, ministrar-se antibióticos", relaciona. "Mas, sempre que possível, a vítima deve ser examinada por um médico."

SAÚDE I

Educação. Não há Aedes que resista.

Matemático prova: campanhas educativas são fatais contra a dengue

Além das altas temperaturas e das chuvas torrenciais, este ano o verão veio acompanhado por um temido parceiro, já velho conhecido dos brasileiros: o *Aedes aegypti*, mosquito causador da dengue. O aumento do número de casos foi vertiginoso em todo o País, com várias mortes, atingindo níveis alarmantes no Estado do Rio de Janeiro. Para combater o avanço do mosquito, tentaram-se várias estratégias – do chamado "fumacê" (pulverização com inseticidas) à borra de café (uma descoberta da bióloga Alessandra Laranja, da UNESP). Uma inesperada "arma" vem-se juntar, agora, a esse arsenal: a estatística.

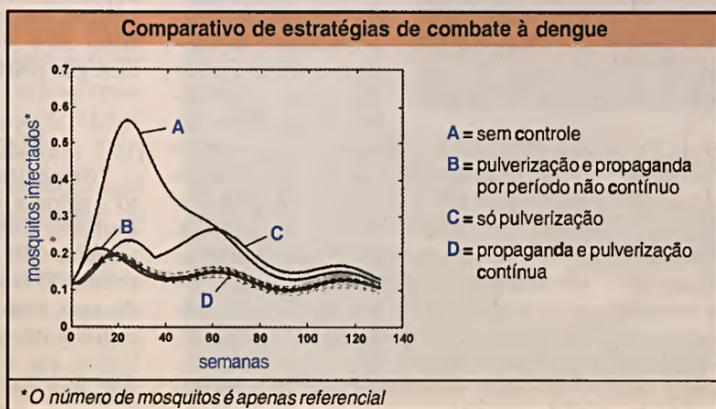
Um estudo realizado pelo matemático Marco Antonio Leonel Caetano, do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do câmpus da UNESP de Rio Claro, mostra que, mais eficaz que sair por aí borrifando veneno a esmo, é investir em campanhas educativas contínuas, feitas por equipes especializadas que, em contato direto com a população, orientariam sobre as formas de evitar a propagação do mosquito. Caetano provou, estatisticamente, que, desta forma, é possível economizar investimentos e obter bons resultados no combate à dengue (veja gráfico). "As campanhas existem, é verdade, mas não são feitas de maneira lógica e contínua", analisa o matemático. "Da forma como vêm sendo empreendidas, não conseguirão erradicar o mal."

A originalidade da pesquisa de Caetano, que tem



trabalhado em parceria com o professor Takashi Yoneyama, do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em São José dos Campos, e utilizou dados da Superintendência de Controle de Endemias (SUCEN) de Taubaté, está no fato de incluir campanhas educativas em confronto com formas de combate baseadas apenas na química. "Fizemos simulações a partir de modelos matemáticos, elaboramos gráficos e interpretamos os dados obtidos", comenta o pesquisador. "O custo com o inseticida, associado à campanha educativa inadequada, é cerca de 50% maior que o controle usando apenas um marketing adequado como arma." Em 1993, a estratégia proposta por Caetano foi implementada na cidade de Marília. Os números atestam a eficácia da empreitada: "Houve uma pronunciada queda na população de mosquitos, que, no entanto, voltou a crescer com o abandono da estratégia, a partir de 1997", lembra o pesquisador, que agora tem usado a mesma sistemática em relação aos casos de Aids.

Waltair Martão



SAÚDE II

Da Schistosoma, seus dias estão contados

Pesquisadora descobre novas formas de combate à esquistossomose

Urticária, febre, anorexia, cefaléia, dor abdominal, diarreia, náuseas, tosse seca, comprometimento do baço, do esôfago e de outros órgãos. Estima-se que de 8 a 10 milhões de brasileiros sofrem com esses e outros sintomas característicos das diversas fases da esquistossomose. A doença pode levar à morte se não tratada corretamente. Ela é contraída quando o corpo entra em contato com água infectada com o parasita *Schistosoma mansoni*. Assim que for detectada a moléstia, o paciente deve ser tratado com dois medicamentos, o xamiquine e praziquantel. Eles debelam a doença, mas acarretam indesejáveis efeitos colaterais.

as Farmacêuticas (FCF) do câmpus da UNESP de Araraquara, está coordenando uma pesquisa que sugere a utilização de lipossomas associados aos medicamentos. "Os lipossomas são agregados de várias substâncias e, com eles, os fármacos têm um melhor aproveitamento pelo organismo e, assim, podem ser consumidos em doses menores", explica a docente.

Nesta pesquisa, que conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Palmira utilizou lipossomas associados ao medicamento praziquantel, em forma de comprimidos. "Os testes foram feitos com camundongos e revelaram uma redução no número de parasitas e de ovos", conta a pesquisadora. De acordo com ela, outros experimentos precisam ser realizados, incluindo a administração do medicamento pela via injetável. "Só depois disso faremos testes em seres humanos, mas os resultados, até aqui, têm sido animadores", revela.



Ciclo da infestação: avanços promissores

Como, em determinadas situações, é necessária a prescrição de altas doses, esses fármacos podem causar, a médio e longo prazos, graves problemas hepáticos, além de possibilitarem o aparecimento de gerações mais resistentes do parasita.

Para evitar o problema, a cientista farmacêutica Maria Palmira Daflon, da Faculdade de Ciências

Os que ficam pelo caminho

A busca desenfreada por um modelo ideal de beleza, que nunca, antes, foi tão estimulada e valorizada, tem deixado em sua esteira uma imensa legião de insatisfeitos e deprimidos, desconfortáveis no próprio corpo e com a auto-estima destrocada

OSCAR D'AMBROSIO

Dé uma olhada à sua volta. Se você não estiver encerrado entre quatro paredes, é muito provável que vá se deparar com alguém, pelo menos com uma pessoa, esfalfando-se em exercícios físicos. O arsenal instalado para a obtenção do prêmio máximo — um corpo escultural, com um mínimo de gordura, como manda o figurino — nunca foi tão grande e diversificado: ginástica, alongamento, regimes miraculosos, musculação, caminhadas, massagem estética e, cada vez mais freqüente, o bisturi cirúrgico, fazem a dor e a delícia de um contingente cada dia maior.

Na procura pela beleza, mulheres e homens não têm medido sacrifícios, financeiros ou físicos, e passam horas “malhando” em academias, entregando-se às mais exóticas modalidades de massagem e visitando, quando ninguém estiver olhando, clínicas de cirurgia plástica e de endocrinologistas. “Após as conquistas sexuais dos anos 1960, as mulheres da década de 80 passaram a ser vítimas de um novo discurso de aprisionamento do corpo, que prega a juventude e a magreza”, afirma a socióloga Liza Aparecida Brasília, que, em novembro último, apresentou a dissertação de mestrado “Um Certo Modo de Olhar: a desigualdade do padrão de beleza entre os sexos”, na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara.

As questões levantadas pelo trabalho vêm à tona com mais força em 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, data que recorda o protesto ocorrido em 1857, em Nova York, EUA, quando centenas de operárias se revoltaram contra as péssimas condições de trabalho a que eram submetidas. “Muita coisa mudou, mas a sociedade continua machista. Nos anos 60, a mulher se integrou ao mercado de trabalho e obteve a liberdade sexual com a pílula anticoncepcional,

mas a dominação ocorre hoje pelo aprisionamento do corpo a um modelo de beleza imposto pela mídia, que conduz à insatisfação permanente com o próprio corpo”, afirma Liza, que entrevistou, durante sua pesquisa, 18 pessoas entre cirurgiões plásticos, endocrinologistas e usuários desses serviços e de academias de ginástica.

Para o psicólogo Amauri Gouveia Júnior, da Faculdade de Ciências (FC), câmpus de

Bauri, a pesquisa de Liza se insere na discussão da atual busca desesperada da mulher por um corpo “malhado”. “Há dois lados a se observar”, pondera Gouveia Júnior. “Revalorizar o corpo como morada da saúde é algo positivo, mas a procura desmedida por um padrão alheio ao sujeito, numa busca por um ideal que é inatingível, pode alienar a pessoa do próprio corpo”, alerta.

CORPO COMPATÍVEL

O educador físico Henrique Luiz Monteiro, também da FC, verifica justamente a existência de um número imenso de insatisfeitos com a própria imagem. Ele acredita que apenas 8% da população mundial, masculina ou feminina, têm chances de apresentar um corpo compatível com aquele atualmente veiculado como ideal. “Surge assim uma legião de insatisfeitos, sem os atributos físicos que desejaria ter”, calcula. “Essa maioria, que não se enquadra no padrão, tem a sua auto-estima solapada num quadro que pode desembocar na depressão”, acrescenta o psicólogo Hugues da França Costa Ribeiro, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília.

O também educador físico Mauro Betti, do Laboratório de Estudos Socioculturais e



Foto: Hélio Toth

O mercado da boa forma movimentou cifras espantosas: beleza a qualquer preço

a, a mímica, as artes circenses e acrobáticas”, diz. “O corpo, acima de tudo, é uma linguagem, uma expressão simultânea da individualidade e do ato de pertencer a uma sociedade.”

Nesse contexto, o fenômeno contemporâneo da busca da beleza a qualquer preço é tipicamente interdisciplinar. E financeiro. O mercado de cosméticos e aparelhos de ginástica envolve cifras espantosas e mobiliza grandes empresas nos quatro cantos do planeta. “Não estamos falando apenas de malhação e dietas, mas de intervenções cirúrgicas realizadas até em menores de idade, com o consentimento dos pais”, acrescenta Betti.

A moda, os cosméticos e parte da medicina estariam voltados para atender os

92% que lutam para atingir o ideal. “As mulheres mudam a cor do cabelo, se lambuzam de cremes, ingerem pílulas, aplicam silicone e se submetem a cirurgias plásticas acreditando na promessa de um rejuvenescimento químico”, diz Monteiro. Com ele concorda o psicólogo Ribeiro: “Os homens operam as bolsas ao redor dos olhos, realizam implantes contra a calvície, fazem lipos aspiração ou se internam em spas. São, hoje, 30% dos clientes de clínicas de cirurgia plástica”.

EFEITO SANFONA

“Não existem dietas de efeito imediato”, alerta a nutricionista Norka Beatriz Barreto Gonzalez, do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, câmpus de Botucatu. “O organismo precisa ser respeitado para evitar o efeito sanfona, aquele engorda-emagrece característico de indivíduos que realizam dietas desequilibradas, sem controle e orientação nutricional adequada.”

Para o educador físico Cláudio Alexandre Gobato, do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Rio Claro, a maioria da população confunde magreza e massa muscular com saúde e bem-estar. “É comum relacionar o aspecto estético apenas com beleza física, não com saúde. Homens magros podem ser mais saudáveis que pessoas que conseguiram grandes músculos graças a esteróides anabolizantes”, avalia.

O também educador físico Mauro Betti, da FC, de Bauri, aponta que a existência de um bombardeio pela televisão de imagens “malhadas” colabora para a confusão entre estar magro e ser saudável. “No caso de superatletas, a mídia transmite a idéia ‘Você não consegue’, vendendo aqueles corpos esculturais como parte de um espetáculo a ser consumido. Nos modelos de beleza das telenovelas, o sentido oculto é ‘Você também pode, mas precisa fazer plástica, lipo, dieta e muito exercício para chegar lá’.”

De acordo com a socióloga Eliana Maria de Melo e Sousa, da FCL, câmpus de Araraquara, essa exaltação do esforço pessoal para atingir o modelo ideal apresenta um lado narcisista. “A pessoa deixa de tentar agradar ao seu parceiro ou a si mesma, de olho em modelos externos. É uma atitude autodivoradora que, claro, não é saudável”, comenta.

MAGRELA DE CHINELOS

O psicólogo Fernando Silva Teixeira Filho, da FCL, câmpus de Assis, concorda com essa visão, acreditando que o ser humano vive hoje um grande vazio interior: “Desde a Antigüidade, homens e mulheres se adornam, usando colares, perfumes e calçados com diferentes significados, mas, atualmente, roupas, perfumes, cosméticos ou modificações corporais via bisturi ou exercício estão ocorrendo por razões estritamente narcísicas. São formas de o ser humano manifestar — ou talvez esconder — sua atual perda de certeza sobre o que somos e o que fazemos no mundo”.

O sociólogo Marcos César Alvarez, da FFC, de Marília, acredita que o esforço — que, às vezes, se torna obsessão — para lapidar o corpo é um ideal abraçado por setores cada vez mais amplos da sociedade. “Com o crescimento da indústria cultural, a estética corporal é cada vez mais importante para a definição do estatuto social de um indivíduo”, afirma. (Veja quadro da pág. 10). Alvarez lembra como o corpo feminino é o alvo principal de estetização e erotização na propaganda: “Para chamar a atenção para um produto, coloca-se geralmente ao seu lado um corpo feminino nu. Com a conquista de diversos direitos pelas mulheres ao longo do século XX, isso não se alterou, pois a imagem da mulher dinâmica, trabalhadora e consciente de seus direitos vem sendo explorada pela publicidade sem maiores problemas, movimentando ainda mais a indústria da beleza feminina”.



Obsessão gera dependência: vício



O cineasta Pelópidas Cypriano, do Instituto de Artes (IA), câmpus de São Paulo, concorda com Alvarez e acredita que essa busca por um corpo belo, custe o que custar, é a marca de uma sociedade em que a imagem é cada vez mais importante. “Se um gordinho de terno e gravata vai ao caixa eletrônico, seu visual indica prosperidade e ele corre mais risco de ser assaltado do que uma magrela de chineses, associada com alguém sem posses.”

Segundo a psicóloga Claudete Ribeiro, do mesmo instituto, essa impor-

tância dada à imagem obriga as mulheres, principalmente, a um esforço sobre-humano desde a infância. “O padrão de beleza pode mudar, como mostra a História da Arte, mas, no fundo, o que elas buscam é ser queridas num mundo em que predomina a falta de afeto”, diz. (Veja quadro abaixo.) Teixeira Filho, da FCL de Assis, concorda. “Mudamos nosso visual para sermos aceitos. Mas, quando isso se torna obsessão, gera dependência como qualquer outro vício.”

Gordinha, roliça. Uma graça!

Houve um tempo em que lugar de magro era o hospital



Vênus de Willendorf (c. de 20000 a.C.)

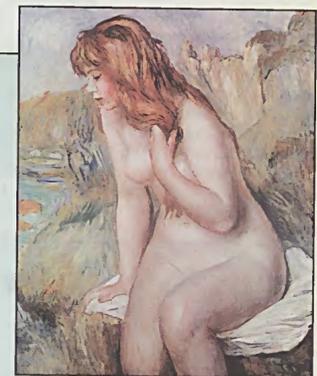
O ideal de beleza mudou muito ao longo da História. Esse fato pode ser facilmente aferido observando-se, por exemplo, as artes plásticas. As figuras da Pré-História valorizam a maternidade, com quadris amplos e seios fartos. Já no Renascimento, no século XV, o padrão de beleza feminina é associado a pessoas portadoras de sobrepeso e com dimensões avantajadas. “É o que vemos nos nus femininos com coxas grossas e formas arredondadas pintados

por Botticelli e Ticiano”, diz a psicóloga Claudete Ribeiro, do Departamento de Artes Plásticas do IA, câmpus de São Paulo.

Nos países europeus, acreditava-se que esse acúmulo de gordura não só protegia a mulher das baixas temperaturas, como a tornava mais resistente a doenças. “Eram vistas como mães em potencial, saudáveis e com energia para sobreviver ao parto e a doenças infecto-contagiosas”, completa o educador físico Henrique Luiz Monteiro, da FC, de Bauri.

Com a Revolução Industrial, a mulher se inseriu no mercado de trabalho e as magras passaram a ser valorizadas por serem mais ágeis e produtivas nas fábricas. “Nos anos 1980, bonecas como a Suzi ou a Barbie radicalizaram esse modelo”, diz Ribeiro. Para a psicóloga Claudete, essa alteração no padrão de beleza também teve efeitos nas artes plásticas. “Os extremos são as figuras alongadas do italiano Modigliani e as ‘gordinhas’ de Botero. O primeiro não está preocupado com a beleza do corpo, mas com o delineamento das formas e a busca de uma perfeição estética, enquanto Botero utiliza a deformação do corpo para realizar uma crítica social a um mundo em que uma minoria faz regime e uma imensa maioria passa fome”, analisa Claudete.

O impressionista Renoir é um caso à parte. “Ele tinha uma fixação por figu-



Banhistas sentadas numo pafiro, de Auguste Renoir (1872)

ras arredondadas”, diz a psicóloga. “Quando vejo as banhistas gordotas do artista francês, porém, vejo a sedução, a higiene, o frescor de um banho, a sensação da pele nua em contato com o vento e a alegria de estar vivo”, analisa o psicólogo Fernando Silva Teixeira Filho, da FCL, de Assis.

As mulheres também retrataram a si mesmas na história da arte. Para Claudete, há duas escultoras paradigmáticas. “As imagens femininas de pequenas dimensões e ventres salientes de Camille Claudel apontam para a opressão que sofreu do amante Rodin, que a levou inclusive a realizar um aborto.” No século XX, o destaque vai para Louise Bourgeois. “Com um pai autoritário e uma mãe protetora, desenvolveu uma temática voltada para a dificuldade de amadurecimento do feminino numa sociedade machista.”

(O.D.)



Mulher com leque, de Amedeo Modigliani (1919)

Expansão da Universidade

Conselho Universitário aprova proposta que dá continuidade aos estudos que definirão onde serão instalados os novos câmpus da UNESP. Grupos de trabalho terão até 120 dias para entregar relatórios

A UNESP, a USP e a Unicamp têm se notabilizado como paradigmas do ensino superior de qualidade. Seus cursos, freqüentemente, obtêm as melhores notas nas avaliações dos principais órgãos ligados à educação do Estado e do País. Apesar desse bom conceito, um número, em particular, continua atravessando o caminho dessas três instituições. As estatísticas indicam que apenas 5,5% dos estudantes matriculados em cursos de graduação freqüentam a universidade pública paulista. Para reverter esta situação, o Governo do Estado e as três universidades, por intermédio do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp), iniciaram, no ano passado, um esforço conjunto para a implementação de estratégias que convirjam para o crescimento dos cursos de graduação, fixado até então em 5% durante cinco anos consecutivos.

No último dia 27 de fevereiro, a UNESP deu um passo importante nessa direção. O Conselho Universitário (CO) aprovou, por unanimidade, o mérito quanto à criação de novos câmpus e, conseqüentemente, quanto ao aumento do número de vagas na Universidade. Este fato significa, na prática, que os conselheiros deram seu aval para que o reitor, José Carlos Souza Trindade, e sua equipe dêem andamento aos estudos para a expansão da UNESP, iniciados em 2001 e já constantes de seu programa de gestão.

Foi aprovada também, na mesma reunião do dia 27, a instalação de grupos de trabalho

“Novos cursos só serão aprovados com a garantia de que tenham a qualidade exigida pela sociedade.”

formados por conselheiros do CO, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (CEPE) e da Administração Central da UNESP para, num prazo de até 120 dias, finalizar estudos. (Veja quadro no final deste texto.)

Na opinião do reitor da UNESP, professor Trindade, o trabalho dos grupos permitirá uma avaliação e discussão mais rica nas reuniões do CO, que decidirão pela criação dos câmpus e dos cursos. “Nossa intenção é que os novos cursos sejam aprovados com a garantia de que terão a qualidade exigida pela sociedade”, afirmou. “Enquanto os estudos não forem concluídos, não podemos afirmar com exatidão em quais cidades serão instalados os câmpus nem quais cursos a Universidade terá possibilidade de instalar, de acordo com as necessidades de cada região. O certo é que teremos uma ampliação importantíssima do número de vagas.”

DECISÃO RESPONSÁVEL

Apesar da vitória unânime da proposta apresentada pelo reitor, a resolução final foi motivo de acaloradas discussões durante a reunião. Zelosos quanto aos destinos da Universidade, os conselheiros se mostraram

preocupados com a disponibilidade de recursos financeiros para que o projeto expansionista da UNESP seja levado a bom termo. “Essa preocupação é pertinente e é nossa também”, fez questão de frisar o reitor. “Por esse motivo, iniciamos, em 2001, conversas com representantes dos governos estadual e federal, da Assembléia Legislativa, das prefeituras e da sociedade



Reunião do Conselho Universitário: mérito aprovado por unanimidade

Fotos Regino Agrella

civil organizada, entre outros órgãos, para discutir as garantias que a Universidade terá para a criação e manutenção dos câmpus e dos cursos novos”.

A Universidade, na verdade, não pode se dar ao luxo de criar cursos e, principalmente, novos câmpus, sem recursos adicionais ao seu orçamento, atualmente em cerca de R\$ 680 milhões anuais. A quase totalidade desse valor representa 2,3% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) arrecadado e que é repassado pelo Governo Estadual para a UNESP (a USP fica com 5,2% e a Unicamp, com 2,1%). Vale lembrar, aqui, que a previsão orçamentária da UNESP está bastante comprometida com as atividades em andamento.

Por isso, ao longo dos últimos anos, a desejável criação de cursos, com o consequente aumento do número de vagas, tem sido feita em doses homeopáticas, aquém da demanda. Procurou-se, nesse período, principalmente, atender à obrigatoriedade legal de que 33% das vagas dos cursos de graduação fossem oferecidos no período noturno. Sem recursos complementares do Tesouro do Estado, não haveria como encaminhar novos projetos. “A cessão de áreas construídas, subsídios de prefeituras e recursos adicionais repassados pelo Governo Estadual são alguns exemplos que nos dariam segurança para executar novos projetos, e isso tem sido discutido com os órgãos competentes”, argumentou o reitor.

VERBAS ADICIONAIS

Um exemplo de que os esforços da atual administração em conseguir mais verbas para a Universidade não têm sido em vão foi dado no final de 2001, quando a UNESP teve aprovados, para seu projeto de expansão, cerca de R\$ 30 milhões adicionais para serem usados ao longo de

“Esta expansão representa uma resposta ao anseio de milhares de jovens que sonham com o diploma universitário.”



CO: aprovação após debates acalorados

2002, provenientes de excedentes do ICMS, aprovados pelo Governo do Estado e pela Assembleia Legislativa no final do ano passado. A decisão oficial levou em conta os planos prévios de expansão apresentados pela UNESP em 2001, principalmente a criação de câmpus em áreas menos desenvolvidas do Estado, e poderão ser usados também para os estudos dos grupos de trabalho. No total, o Governo dispôs R\$ 50 milhões às três universidades, cabendo à UNESP 58%.

Os deputados que votaram os recursos em favor da Universidade obtiveram, na ocasião, a garantia de que a UNESP criaria, em 2001, 13 novos cursos e 500 novas vagas, com destaque para duas carreiras – Engenharia Ambiental e Relações Internacionais. Quarenta dessas 500 novas vagas são do curso de Ciências Biológicas, nas modalidades Biologia Marinha e Gerenciamento Costeiro, no recém-criado Câmpus do Litoral Paulista, em São Vicente, cujas aulas se iniciaram no último dia 4 de março.

A expansão da UNESP, principalmente no que diz respeito à criação de novos câmpus, não significa apenas mostrar-se em sintonia com o projeto do Governo do Estado de São Paulo, proposto também à USP e à Unicamp. Representa, também, e sobretudo, uma resposta ao anseio de milhares de jovens que querem transformar em realidade o sonho de obter um diploma universitário público.

O reitor Trindade aponta um terceiro e igualmente significativo vértice, que é o desenvolvimento de regiões do Estado historicamente carentes. “É uma chance singular para que vários municípios carentes minorem suas desigualdades econômicas e tecnológicas em relação ao restante do Estado.”

(Leia reportagem à pág. 3 do jornal.)

Proposta aprovada

O Conselho Universitário, em sessão extraordinária realizada no dia 27/02/02 decidiu aprovar, quanto ao mérito, o Programa de Expansão das Vagas da UNESP, seja em novos câmpus, seja nos câmpus já existentes, estes dentro da tramitação estatutária e regimental da Universidade.

Grupos de Trabalho, paritários, indicados pelo Conselho Universitário, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária e pela Administração Central da Universidade, realizarão amplos e aprofundados estudos para serem submetidos ao Conselho Universitário, dentro

de, no máximo, 120 dias, tomando como ponto de partida as cidades mencionadas até o momento.

Os Grupos de Trabalho apontarão:

- As localidades onde serão criados os novos câmpus, em ordem de prioridade;
- Os possíveis cursos a serem criados;
- Os levantamentos dos custos operacionais quanto a: investimento, custeio e pessoal e reflexos, garantindo-se a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão universitária;
- Os indicadores de projetos pedagógicos.



Saúde ou alienação do próprio corpo: equilíbrio

grais, como pão, macarrão e arroz, evitar frituras, dar preferência às carnes brancas, aumentar a ingestão de água, fazer exercícios diariamente e ter uma atitude positiva perante a vida”, aconselha.

De acordo com Liza, homens e mulheres, ao seguir essas dicas – e outras não recomendadas por médicos – buscam, em última análise, a fonte da eterna juventude. Para Claudete, do IA, por trás dessa procura pela beleza, em clínicas de estética ou em academias de ginástica, há dois grandes fantasmas. “O medo de envelhecer e, conseqüentemente, o medo de morrer.”

A não-aceitação do inevitável, como se sabe, acarreta saldos trágicos. Para ficar em um único exemplo, celebrizado pela literatura, basta lembrar do destino agônico do protagonista do romance *O Retrato de Dorian Gray*, do irlandês Oscar Wilde, que vende sua alma ao diabo em nome da beleza perene. “Ainda não sabemos como lidar com a consciência da finitude, com o próprio desaparecimento”, reflete Claudete. “E, muitas vezes, na ânsia de permanecermos jovens, aceitamos pagar preços exorbitantes por uma mercadoria que, na verdade, não existe.”

⇒ freqüenta academias de ginástica – que sempre precisam estar oferecendo novidades em suas atividades para manter o interesse do consumidor –, enquanto os *personal trainers* são acessíveis apenas a uma minoria da população”, analisa.

Quanto aos socialmente privilegiados, Liza verifica que muitos acabam por viver uma constante proibição dos prazeres da mesa para atender a essa busca de aceitação social. É o que acontece com a apresentadora de televisão Luciana Gimenez. Com 50 kg distribuídos em 1,81 m, ela afirma: “Malho bastante e vivo passando fome, sempre de olho na balança”. O problema se agrava quando chega à adolescência: “Crianças, que ainda nem tiveram seus corpos totalmente desenvolvidos, também se entregam a regimes radicais, muitas vezes tornando-se anoréxicas e podendo, inclusive, morrer”.

Para atingir o peso próximo do ideal (*Veja quadro à direita*), a nutricionista Norka recomenda uma dieta balanceada com 10% a 15% de proteína, 20% a 25% de lipídios e 60% a 70% de carboidratos, que varia segundo a idade, o sexo e a atividade física da pessoa. “O importante é comer frutas e verduras, alimentos inte-



Academias: forma quimérica

Sem medo da balança

Para saber se o seu corpo é compatível com o de uma pessoa saudável, existe uma fórmula simples: tome seu peso e estatura e calcule o Índice de Massa Corpórea (IMC):

Caso você se encontre em um dos extremos, é recomendável que procure um especialista: “Mais importante do que ter um corpo aparentemente magro é saber como a gordura é depositada no corpo. As pessoas cujo tipo físico se assemelha a uma maçã – maior concentração de gordura no tórax e no abdômen – tendem a ter mais problemas cardíacos e diabetes, por exemplo, do que o tipo ‘pêra’, com maior concentração nos quadris e nas pernas”, explica a nutricionista Norka Beatriz Barrueto Gonzalez, do IB, de Botucatu.

$$\text{IMC} = \frac{\text{peso corporal (kg)}}{\text{estatura x estatura (metros)}}$$

Veja, abaixo, a sua classificação:

IMC	Situação
< 18,5	Desnutrido
18,5 – 20	Abaixo do peso
20 – 25	Normal
25 – 30	Sobrepeso
> 30	Obeso mórbido

O corpo como campo de batalha

Respeito às diferenças é base para sociedade mais democrática

Embora a pessoa já nasça com certas propensões biológicas estabelecidas desde o

seu DNA, o corpo humano, segundo o sociólogo Marcos César Alvarez, da FCC, de Marília, é, sobretudo, uma

construção social. Não apenas se nasce com o corpo, mas se cresce com ele, dentro de determinados padrões. “Em

qualquer sociedade, o corpo está sujeito a um conjunto extremamente complexo de práticas de interdição, coerção e controle, que o tornam um produto histórico e não um dado apenas natural”, avalia.

Para o docente, no interior de uma mesma sociedade existem formas diferenciadas de construção do corpo. “O desenvolvimento industrial, por exemplo, buscou disciplinar o corpo do trabalhador assalariado para que se tornasse apto a acompanhar o ritmo da máquina, enquanto as classes médias estão se submetendo a formas inéditas de autodisciplina, orientadas por valores caros a este novo século”, diz.

Para o artista multimídia e professor do Instituto de Artes (IA), câmpus de São Paulo, Milton Sogabe, o investimento de dinheiro em cirurgias e academias é um fenômeno decorrente de um contexto cultural e científico que possibilita a transformação do ser humano: “Por muito tempo, homens e mulheres sonharam em modificar o corpo. Hoje, existe uma geração que, além de olhar o modelo de beleza corporal imposto pela sociedade, tem à disposição vários meios para atingi-lo”.

Para Alvarez, porém, a preocupação com a estética corporal não garante às pessoas uma maior autonomia no processo de auto-construção de sua identidade. “No entanto, a possibilidade de construção de uma identidade subjetiva pode ser um espaço privilegiado de luta política”, afirma. “A discussão em torno da democratização dos padrões de beleza não é uma luta secundária ou anedótica, já que o respeito às diferenças colabora para a construção de uma sociedade mais democrática.”



The Runners, de Robert Delaunay



ECOLOGIA

Semeando para o futuro

Programa de Educação Ambiental integra alunos à natureza

Percorrer um trecho de floresta e ainda ter a oportunidade de receber importantes informações sobre as espécies e o relevo circundante é a melhor maneira de conhecer uma região. Esse é o objetivo do Grupo de Educação Ambiental (GEA), da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) da UNESP, câmpus de Botucatu. "A mata é o local mais adequado para se transmitir os conceitos de preservação e sustentabilidade ambientais", comenta o coordenador do GEA, o engenheiro florestal Valdemir Antonio Rodrigues.

Docente do Departamento de Recursos Naturais da FCA, Rodrigues, que criou o Programa de Educação Ambiental na Trilha, considera essa atividade uma espécie de laboratório ecológico para integrar os estudantes à natureza. "Além de conhecimentos, a trilha traz paz interior e renova as energias", afirma. Desde 1998, o Projeto foi visitado por cerca de dez mil alunos dos ensinos fundamental e médio de Botucatu e região.

Semanalmente, às quartas-feiras, grupos de estudantes são recebidos na primeira parada da trilha, a "Casa da Natureza", onde monitores dão as orientações sobre a caminhada. Em cerca de duas horas, os jovens percorrem perto de dois quilôme-

tros de floresta secundária, em meio à Fazenda Experimental Lageado, da FCA, entre embaúbas, palmitos, paineiras e tipuanas. "A floresta primária original não existe mais, o que reforça a importância da preservação", argumenta Rodrigues. No total, a fazenda mantém perto de 30 hectares de mata.

MATA CILIAR

Para que os estudantes fixem melhor os temas ambientais abordados, o engenheiro florestal os associa aos cinco sentidos. Diante da maior árvore do gênero *Eucalyptus sp.*, do Estado de São Paulo, por exemplo, o grupo é convidado a abraçá-la, a fechar os olhos e a senti-la. Segundo Rodrigues, a árvore em questão mede cerca de 50 metros de altura, possui 8,5 metros de circunferência na base do tronco e cem anos de idade. No mirante, de onde se contempla o vale do rio Lavapés, a monitora Carla Tatiane Gugliernoni, 20 anos, primeiranista do curso de Engenharia Florestal, explica as funções da mata ciliar. "Ela está para os rios da

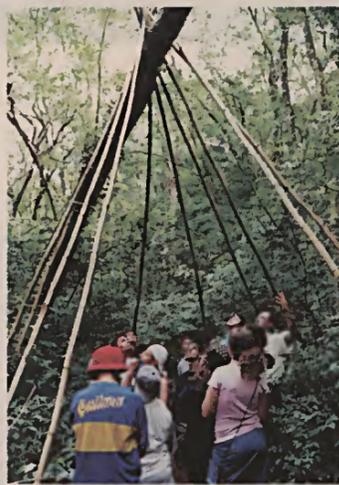
mesma maneira que os cílios para os olhos, protegendo o solo e mantendo a qualidade da água".

Em meio à caminhada, Rodrigues aponta um palmito de pupunha, atualmente muito utilizado na alimentação, em substituição ao palmito nativo da Mata Atlântica, em vias de extinção. "São palmeiras valiosas que, preservadas e manejadas adequadamente, podem ficar à disposição do homem indefinidamente", explica.

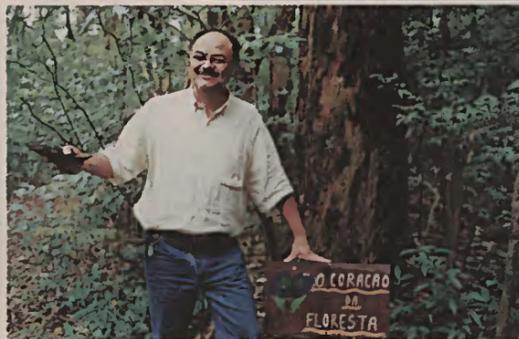
De forma lúdica, os alunos vão assimi-

lando os conceitos trabalhados em sala de aula durante todo o ano. "Um passeio por aqui equivale a várias horas passadas na classe", calcula José Higinio Caldeira, professor da disciplina de Geografia da Escola Estadual José Leite Pinheiros, do município de Cerqueira César, a 140 quilômetros de Botucatu. "Aqui, a gente aprende e se diverte ao mesmo tempo", resume, por sua vez, Priscila Giovane Nogueira, 15 anos, estudante do primeiro ano de ensino médio da mesma escola. Para o engenheiro florestal Rodrigues, todos têm a ganhar com esse projeto: "O meio ambiente, que é preservado, os alunos, que têm a chance de vivenciar ensinamentos teóricos, e a UNESP, que pratica a extensão e aprofunda seus conhecimentos na área", relaciona.

Genira Chagas



Fotos: Nêlio Ipe



Rodrigues e os jovens: trilhas de dois quilômetros em meio a 30 hectares de mata

ENGENHARIA

Cal, cimento, areia e... garrafas

Alunas encontram solução ecologicamente correta para embalagens plásticas

Comumente encontradas em ruas e lixões, as garrafas plásticas de refrigerantes, que ocupam um volume de até dois litros cada uma, são uma séria ameaça ao meio ambiente. Pouco aproveitadas pela indústria de reciclagem, levam um século para se degradarem na natureza. Um estudo de Iniciação Científica realizado pelas alunas Ana Maria Carbonieri, 33 anos, e Glauce Tonelli, 26, ambas quartanistas do curso de Engenharia Civil, câmpus de Bauru, poderá ajudar a conter a poluição e, de quebra, encaminhar uma solução barata para o problema de solos arenosos.

O estudo propõe o reforço desse tipo de solo com a utilização de finas tiras das garrafas Pet – sigla para polietileno tereftalato. Ana e Glauce realizaram diversos testes de compactação, utilizando cilindros com 2,5 kg de solo misturados com 15, 20 e 25 g de fibras Pet, posteriormente submetidos a testes de compressão simples. "Como ainda não há máquina adequada para o corte das fibras, realizamos o trabalho manualmente", esclarece Glauce.

ASPECTOS POSITIVOS

Na presença de umidade, solos porosos, como os do tipo arenoso, perdem a resistência e colocam em risco uma construção. O estudo mostrou que a adição de fibras, na proporção de 25 g para cada 2,5 kg de solo, oferece 50% a mais de resistência, tornando-o viável para a utilização em aterros, muros de arrimo, ga-

lerias e apoios para fundações de pequeno porte. Docente do Departamento de Engenharia Civil, o coordenador da pesquisa, engenheiro civil Ademar da Silva Lobo, assegura que esse estudo tem pelo menos dois aspectos positivos: "Barateia o custo das construções populares e contribui para aumentar a vida útil dos aterros sanitários".

O estudo *Reciclagem de garrafas Pet: utilização em forma de fibra para reforço de solo* foi apresentado na 13ª edição do Congresso de Iniciação Científica da UNESP, em outubro passado, em Bauru. "Pretendemos continuar nossa pesquisa com a utilização das fibras de Pet em solo-cimento, composto de terra vermelha, cimento e água, utilizado na fabricação de estacas para as construções populares", finaliza Ana Maria.



Glauce e Ana: reforço a solos arenosos

QUÍMICA

Que jóia!

Pesquisadores descobrem utilização para resíduo tóxico do fabrico de bijuterias



Delbianco e Gislaine: do lixo ao luxo

Rico em cobre, zinco, cádmio, cromo e níquel – metais pesados, cancerígenos e de efeito cumulativo no organismo humano –, o lodo resultante do processo de fabricação de jóias é um resíduo altamente tóxico e ainda sem aproveitamento. Grandes quantidades desse material, até então armazenadas nos depósitos das fá-

bricas de jóias de Limeira, cidade a 158 quilômetros de São Paulo, estão sendo estudadas no Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), câmpus de Rio Claro. "Pela importância da pesquisa, estamos recebendo apoio dos próprios fabricantes de jóias e também da Companhia de Tecnologia e Saneamento Ambiental (Cetesb), que não sabe como resolver o problema", comenta Gislaine Barana, que está em fase de redação da dissertação de mestrado intitulada "Transformação do lodo de galvanostegia em corantes para material vítreo", a ser concluída até o final deste ano.

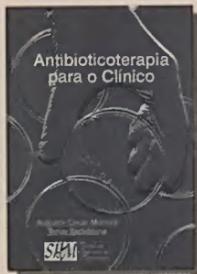
Graduada em química, Gislaine e seu marido, Sérgio Delbianco, também mestrando da UNESP, desenvolveram um método que trata o resíduo quimicamente e obtém um composto de cores variadas, de acordo com o tipo de metal. Esse composto mostrou-se eficaz para tingir material vítreo e está sendo testado com sucesso na indústria de piso de cerâmica. "Os resultados dessa investigação terão aplicação industrial imediata, já que resolvem um problema com baixo custo", avalia o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Física do IGCE, o físico Jorge Roberto Pimentel.

MICROBIOLOGIA

Os olhos não vêem, mas o coração pode sentir

O amplo uso de medicamentos quimioterápicos e de antibióticos a partir da década de 1940 levou a uma diminuição significativa no grau de mortalidade para a maioria das doenças microbianas. No entanto, o uso exagerado e nem sempre criterioso deles gerou novas dificuldades, principalmente pela maior resistência aos antibióticos apresentada pelas bactérias. Neste livro, os professores voluntários do Departamento de Microbiologia e Imunologia do Instituto de Biociências (IB) da UNESP, câmpus de Botucatu, Augusto Cezar Montelli e Terue Sadatsune discutem a questão e orientam sobre os vários fatores que podem interferir na administração de medicamentos antimicrobianos. “A obra pode ser utilizada por aqueles colegas que clinicam nas mais distantes regiões do Brasil, onde os subsídios laboratoriais são escassos”, afirma Montelli. As considerações práticas e os exemplos apresenta-

dos são resultado de dados reunidos em 18 anos de estudo dos autores com germes isolados no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu. O trabalho oferece um ponto de partida para pensar questões essenciais da Medicina deste milênio, como o estudo detalhado dos mecanismos de resistência desenvolvidos pelos germes para a sua preservação. “A obra contribui para o aprimoramento da terapêutica racional dos processos infecciosos”, conclui Sadatsune.



Antibioticoterapia para o clínico, de Augusto Cezar Montelli e Terue Sadatsune. Sociedade Brasileira de Microbiologia; 56 páginas. Informações: (0xx21) 2590-1277 ou imadmsbm@microbio.ufrj.br

HISTÓRIA

D. Quixote, o gordo



Mescla de historiador, jornalista e diplomata, Manoel de Oliveira Lima (1867-1928) é geralmente estudado sob este último aspecto, deixando-se de lado a sua obra histórica, que inclui títulos como *D. João VI no Brasil*. No presente livro, a historiadora Teresa Malatian, professora da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP, câmpus de Franca, privilegia o trabalho do biografado como um pesquisador engajado no serviço diplomático, com fortes ligações com a oligarquia pernambucana e reconhecida projeção intelectual, principalmente pela sua atividade de polemista na imprensa. “O estudo da obra de Oliveira Lima, chamado de ‘D. Quixote gordo’, por Gilberto Freyre, me levou a um estudo do mundo das letras da primeira República, no qual predominavam as igrejinhas literárias, que se apoiavam mutuamente e atacavam duramente os seus rivais”, diz Malatian. A autora destaca ainda a importância, para os historiadores, da coleção de 16 mil volumes – hoje com mais de 46 mil – da Oliveira Lima Library, que o diplomata fundou em 1916, na Catholic University of America, em Washington, instituição em que passou a lecionar quando se retirou do serviço diplomático, em 1913. “Lá, é possível encontrar material muito rico sobre a época que ele vivenciou, marcada pelo progressivo distanciamento do Brasil da Inglaterra e a sua conseqüente aproximação dos EUA”, diz a docente.



Oliveira Lima e a Construção da Nacionalidade, de Teresa Malatian. Editora da Universidade do Sagrado Coração; 462 páginas; R\$ 39,00. informações: (0xx14) 235-7111 ou edusc@usc.br

DIREITO

Devo, não nego. Pago quando puder



Poucas questões ocupam tanto espaço nas páginas dos jornais como a dívida externa dos países em desenvolvimento. Sua magnitude, complexidade e desdobramentos políticos e econômicos são um constante desafio para os especialistas. Neste livro, o advogado Jorge Barrientos-Parra, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, analisa os compromissos contratuais sobre os quais se fundamenta o endividamento externo. “O rigor excessivo na cobrança de dívidas já originou graves crises sociais na Grécia e na Roma antigas”, comenta o docente. O autor defende a adoção de um jubileu, ou seja, uma remissão da dívida, cujo objetivo maior seria a correção da situação social e econômica vigente mediante a aplicação de medidas de justiça distributiva e comutativa. “Essa pode ser uma solução justa e definitiva para o problema da dívida externa, desde que o Estado devedor se submeta a um plano de recuperação econômica elaborado em uma conferência internacional ou proposto por um mediador”, argumenta Barrientos-Parra. Para o advogado, o jubileu expressa a busca da justiça no plano filosófico e uma solução adaptável às necessidades concretas dos indivíduos e dos povos de qualquer época. “O jubileu pode ser um passo importante para a elaboração de um direito que vise a proteção das partes economicamente mais fracas nos contratos internacionais”, analisa Barrientos-Parra.



Dívida externa: do desequilíbrio contratual ao jubileu, de Jorge Barrientos-Parra. Editora Juarez de Oliveira; 336 páginas; R\$ 38,50. Informações: (0xx11) 3105-7923 ou editora@juarezdeoliveira.com.br

MEMÓRIA

Carreira passada a limpo

Completar 80 anos já é motivo de felicidade, ainda mais quando se tem uma longa carreira acadêmica, da qual é possível se orgulhar. Para celebrar a data, o odontólogo Raphael Lia Rolfsen, que ocupou a vice-reitoria da UNESP entre 1980 e 1983 e a diretoria da Faculdade de Odontologia de Araraquara por quatro mandatos, entre 1962 e 1980, publicou este livro. A obra contém o resumo de várias entrevistas que o autor concedeu à professora Anna Maria Martinez Corrêa, coordenadora do Centro de Documentação e Memória da UNESP, e inclui o relato do nascimento do atual câmpus de Araraquara, a criação da Associação Paulista dos Cirurgiões Dentistas (APCD), Regional de Araraquara, e a transcrição dos discursos do odontólogo Wellington Dinelli quando Rolfsen recebeu o título de professor emérito. Há ainda um anexo com documentos, recortes de jornais e fotografias significativas da vida do docente, incluindo as suas facetas de docente e administrador. “O objetivo desta publicação é mostrar que, quando se trabalha com amor, dedicação e perseverança, o resultado é compensador”, afirma o ex-vice reitor.



Rolfsen: dupla comemoração



Algumas memórias, de Raphael Lia Rolfsen. Terra Arte Gráfica; 108 páginas. Informações: (0xx16) 222-2341.

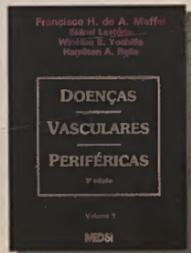
MEDICINA

Novas conquistas contra um antigo mal

A ciência se desenvolve, hoje, numa velocidade assombrosa. Por isso, as publicações precisam ser constantemente atualizadas, acompanhando as novas pesquisas. Essa é a principal proposta da terceira edição desta obra, escrita pelos médicos Francisco Humberto de Abreu Maffei, Sidnei Lastória, Winston Bonetti Yoshida e Hamilton A. Rollo, da disciplina de Cirurgia Vascular do Departamento de Cirurgia e Ortopedia da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu. O objetivo do alentado trabalho, com mais de mil páginas, é contribuir para os estudos de especialistas na área, contribuir para a revisão de alguns tópicos e até ajudar na tomada de decisões clínicas ou cirúrgicas,



além de poder ser utilizado na graduação, residência e pós-graduação sobre o diagnóstico de doenças arteriais, linfáticas, venosas e vasculares de origem mista. “Queremos fixar conhecimentos já estabelecidos e abrir portas para os novos estudos em desenvolvimento”, afirma Maffei. Esta terceira edição inclui 51 novos capítulos, enfocando novos métodos de diagnóstico, técnicas terapêuticas, procedimentos endovasculares, metabiologia, biologia molecular e pesquisa clínica. Houve ainda uma nova ordenação dos assuntos. “O objetivo foi facilitar o ensino e o estudo sistemático de cada tópico”, explica o médico.



Doenças vasculares periféricas, de Francisco Humberto de Abreu Maffei, Sidnei Lastória, Winston Bonetti Yoshida e Hamilton A. Rollo. Editora Médica e Científica; 2 volumes (1989 páginas); R\$ 586,00. Informações: (0xx21) 2569-4342 ou medsi@ism.com.br

Para lembrar o barroco

Reunindo estudos de 19 pesquisadores, obra mapeia as diversas vertentes do movimento em cinco Estados brasileiros



Tarja da capela-mor da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, atribuída a Antônio dos Santos (1814-15). Abaixo, à esquerda: Espírito Santo, século XVII



ALEJANDRO FABIAN

Resultado do confronto entre a Reforma protestante e a Contra-reforma católica, o barroco chega ao Brasil ainda no século XVI e encontra sua maior expressão nas obras de Aleijadinho. Associado geralmente aos Estados de Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, o movimento teve também expressões muito significativas em São Paulo, comumente deixadas em segundo plano mesmo pelos especialistas da área.

Arte Sacra Colonial: Barroco Memória Viva, organizado pelo historiador de arte Percival Tirapeli, do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, supre essa lacuna, pois dá destaque justamente a diversas obras espalhadas pelo Estado, principalmente em Embu, Itu, Mogi das Cruzes, São Roque, São Vicente e na Capital.

O livro reúne artigos de 19 pesquisadores do barroco – 12 deles ligados a faculdades e institutos da UNESP (unidades de Araraquara, Bauru, São José do Rio Preto e São Paulo) – que enfocam o movimento em seus mais variados aspectos, passando pela arquitetura, a ornamentação, a literatura e a música.

Os autores estão ligados ao Movimento Barroco Memória Viva, projeto permanente da Reitoria da UNESP, que,

desde 1989, vem estudando o barroco, principalmente o paulista, promovendo palestras, cursos e viagens culturais. O presente livro tem como principal objetivo a apreensão do templo religioso como expressão do pensamento da Igreja brasileira nos séculos XVII e XVIII, e um de seus principais méritos é colocar no centro das atenções o trabalho do arquiteto paulista Frei Galvão. Nascido em Guaratinguetá, em 1739, Galvão projetou diversas obras importantes, como a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco e o Recolhimento da Luz, ambos na capital paulista.

No interior paulista, Mogi das Cruzes merece especial menção, principalmente devido à Igreja da Ordem Terceira do Carmo, com o teto da nave em estilo ilusionista rococó atribuído a Manoel do Sacramento, artista do início do século XIX. Outro destaque é a tarja da capela-mor, atribuída a Antônio dos Santos, realizada no mesmo período. Itu não fica atrás, com os trabalhos do pintor Jesuíno do Monte Carmelo na pintura do teto da capela-mor na Igreja da Ordem Terceira do Carmo. O trabalho mereceu as seguintes palavras emocionadas do escritor Mário de Andrade: “É uma gostosura que só dá para esse teto uma aparência inusitada, com um sabor alegremente festa-de-arraial”.

Diversos ensaios lembram justamente a importância dos modernistas paulistas na afirmação do valor do barroco brasileiro. Na Semana Santa de 1924,

uma caravana integrada por Tarsila do Amaral, Oswald e Mário de Andrade e o poeta suíço-francês Blaise Cendrars, entre outros, realizou uma viagem por Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo e outras cidades mineiras. “Sentí, recém-chegada da Europa, um deslumbramento diante das decorações populares”, diz Tarsila, em texto escrito em 1939, no qual expressa ainda sua admiração pelas “linhas geniais” da arquitetura religiosa de Aleijadinho.

O capítulo cinco do livro, “A talha dourada na antiga Província de São Paulo: exemplos de ornamentação barroca e rococó”, de Mozart Alberto Bonazzi da Costa, mestre em Artes pelo IA, conservador e restaurador de obras de arte e escultor com especialidade na técnica do entalhe de madeira, se destaca do conjunto do livro por incluir um indispensável glossário sobre termos ligados ao barroco, que vai de “abóbada” (“remate superior em feição convexo arredondado”) a “voluta jônica” (“ornato enrolado em forma de espiral, em trabalho de talha, ou escultura em pedra”).

Outro capítulo primoroso é o que enfoca a imaginária seiscentista e setecentista na Capitania de São Vicente, do historiador de arte Wolfgang Pfeiffer, da Escola de Comunica-

ção e Artes da Universidade de São Paulo. Ele estuda imagens modeladas em barro cozido, a devoção no Brasil a Nossa Senhora de Montserrat e o surgimento de uma tradição paulista de figuristas na região do Vale do Tietê, Itu e Sorocaba.

Na área da música, o pesquisador Régis Duprat analisa o barroco musical no País. Cabe salientar que, em 1985, quando ele estava vinculado ao IA da UNESP, descobriu, dentro da capa de um missal pertencente à Igreja da Ordem Terceira dos Carmelitas de Mogi das Cruzes, as mais antigas partituras musicais do Brasil, datadas de 1730.

Editada com bom gosto e extremo zelo, a obra, fartamente ilustrada, oferece um amplo painel do barroco nacional. Ao ler os 18 capítulos, observando atentamente as imagens de igrejas, pinturas e esculturas incluídas em cada um deles, logo vêm à mente alguns dos melhores versos já escritos sobre o período, de autoria de Oswald de Andrade: “No anfiteatro de montanhas/ os profetas do Aleijadinho/ Monumentalizam a paisagem/ As cúpulas brancas dos Passos/ E os cocares revirados das palmeiras/ São degraus da arte de meu país/ Onde ninguém mais subiu/ Bíblia de pedra sabão/ Banhada no ouro das minas”.



Arte Sacra Colonial: Barroco Memória Viva – Organização de Percival Tirapeli; co-edição Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp); R\$ 45,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana. Informações: (0xx11) 3242-7171.

GEOGRAFIA

Mapas da exclusão social

Programa permite identificar as regiões mais carentes das grandes cidades

Identificar áreas urbanas habitadas pelos socialmente excluídos é o primeiro passo para qualquer política pública voltada para a melhoria da qualidade de vida da população. A tarefa, embora possa ser simples em pequenas cidades, complica-se cada vez mais à medida que elas crescem em área e população. Para superar esse desafio, o Laboratório de Geografia Humana da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) está desenvolvendo o *software* Sistema de Informações Geográficas Intersectorial (Sigi), que permitirá identificar, a partir de dados colhidos junto às prefeituras e outros órgãos, as regiões mais carentes em diversos aspectos. “Com um mapa destes na mão, é possível elaborar políticas públicas que contribuam para uma melhor qualidade de vida dos cidadãos”, afirma o coordenador do programa, o geógrafo Eliseu Savério Sposito, do Departamento de Geografia da FCT.

O conceito de exclusão social, surgido na França, nos anos 1980, orienta todo o trabalho da equipe, integrada por uma dezena de profissionais dos departamentos de Geografia, Planejamento, Fisioterapia e Educação da FCT. “Enquanto os norte-americanos tendem a considerar a exclusão apenas como uma consequência da baixa renda, a escola européia leva em conta uma multiplicidade de fatores, incluindo o acesso à escola e as condições de moradia”, explica o geógrafo Everaldo Santos Melazzo, do Departamento de Planejamento, que também integra o Programa Sigi.

O conceito de exclusão social varia pelo mundo. “Na Suécia, por exemplo, o reduzido número de livros na biblioteca de uma determinada região é considerado fator de exclusão, enquanto no Brasil ainda há gravíssimas questões de saúde, mo-

radia e segurança a serem sanadas”, acrescenta outro docente participante, o geógrafo Sérgio Braz Magaldi, do Departamento de Geografia.

O programa elabora mapas sobre cada tipo de carência e depois cruza os dados. Reúne, portanto, números sobre cadastrados à procura de emprego, exclusão de crianças e jovens do sistema escolar, análise de acesso ao transporte coletivo e necessidade de asfalto, entre outras variáveis. “Cruzando esses dados, elaboramos um mapa da exclusão social da cidade de Presidente Prudente, hoje com aproximadamente 190 mil habitantes”, informa Melazzo. “Pretendemos, até maio de 2003, finalizar um *software* que permita elaborar mapas semelhantes de qualquer cidade”, completa Sposito.

POLÍTICAS PÚBLICAS

O início do Projeto Sigi remonta a 1997 e, a partir de 1999, conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em seu Programa de Políticas Públicas. “Entre 280 inscritos de todo o Estado, apenas 83 foram aprovados. Nosso diferencial é oferecer às prefeituras de cidades médias uma maneira de identificar áreas nas quais é necessário desenvolver políticas públicas”, conta Magaldi.

O grande mérito do Sigi é transformar dados em informação. “Dados existem em abundância, fornecidos pelos nume-

ros institutos de pesquisa. Para transformá-los em informações, porém, é necessário interpretá-los”, explica Melazzo. “Cadastrados imobiliários e dados sobre Saúde Pública, por exemplo, são fontes muito preciosas de informações, assim como o número de crianças que nascem com paralisia cerebral ou o de aposentados por incapacidade”, completa a fisioterapeuta Eliane Ferrari Chagas, do Departamento de Fisioterapia.

Os dados até agora obtidos permitem estabelecer certas hipóteses. Uma delas é que a exclusão social, nas cidades de porte médio, segue um padrão. “A pobreza, nesse caso, é distribuída de maneira homogênea em certas áreas, enquanto em cidades como São Paulo miséria e riqueza convivem lado a lado, como ocorre no bairro paulistano do Morumbi, onde autênticos palácios estão bem próximos de imensas favelas”, aponta Melazzo.

Os próximos passos do Programa Sigi

são a elaboração de um mapa de exclusão social em Pirapozinho, cidade próxima a Prudente, com 23 mil habitantes. “Em 2002, graças a um convênio com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), teremos acesso a indicadores detalhados do último censo. Quem quiser conhecer nosso trabalho pode ainda acessar a nossa página www.prudente.unesp.br/simespp/simespp.htm ou intercambiar experiências pelo e-mail simespp@prudente.unesp.br”, diz Sposito.

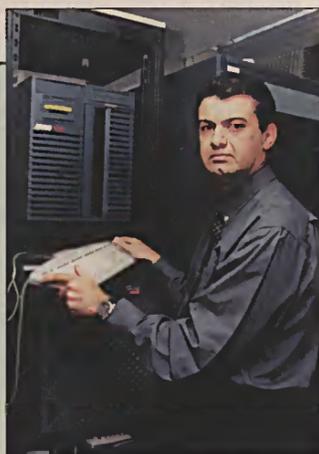


Jean-Pierre Stora/Reprodução



Melazzo, Eliane e Magaldi: miséria segue padrões

Regino Agrella



Regino Agrella

Cansian: doação de R\$ 1,3 milhão

Não há nada mais terrível, para um aluno ou docente, do que ver sua pesquisa desaparecer do disco rígido do computador, corroída, sem perdão, por um vírus destruidor. No combate a esse mal, a UNESP deu um largo passo em novembro último ao receber, como doação, 26 mil licenças de programas anti-

INFORMÁTICA

Oh, não! Minha pesquisa sumiu!

Desastres como esse têm seus dias contados com barreira anti-vírus instalada pela Universidade

vírus para computadores e servidores de rede da empresa Grissoft Inc, uma subsidiária americana da Grissoft s. r. o., companhia da República Tcheca especializada em sistemas de alta tecnologia e segurança. “Essa empresa tem mais de 10 anos de experiência no desenvolvimento de *softwares* anti-vírus para sistemas computadorizados”, informa o assessor-chefe da Assessoria de Informática (AI) da UNESP, Adriano Mauro Cansian.

A AI se candidatou ao recebimento da doação de 9 mil licenças, em outubro últi-

mo, e se surpreendeu com a chegada, via e-mail, dos códigos de licença e das instruções de uso para 26 mil cópias de seus produtos. “Se for considerado o valor médio de mercado de R\$ 50,00 por licença, o conjunto de produtos representa uma doação estimada em cerca de R\$ 1,3 milhão”, contabiliza Cansian.

Os produtos doados são 20 mil licenças AVG Professional, 3 mil AVG for NT Server e AVG for MS Exchange Server. “O AVG combina excepcionalmente diversos métodos para detectar vírus”, avalia

Cansian. “Os produtos doados não são cópias demonstrativas, mas versões completas, com licença por tempo indeterminado com atualização automática pela Internet. A AI distribuirá e controlará as licenças pelas unidades universitárias e contará com o apoio nas comunidades locais dos respectivos Serviços Técnicos de Informática.” Maiores informações sobre como obter a licença e copiar os anti-vírus podem ser obtidas na página de distribuição da AI, em <http://softwares.unesp.br>



AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NO MÊS DE MARÇO

ARARAQUARA

• 8/03. Início do Curso de Extensão **Gestão Universitária**, a ser realizado até 28/06, às sextas-feiras das 14h às 18h. Carga horária: 60 horas. Condições para inscrição: nível superior e vínculo com o quadro técnico-administrativo de universidade pública. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 226, na Seção de Finanças da FCL, sala 14, prédio da Administração, das 9h às 12h e das 14h às 17h30. (Leia reportagem à pág. 4.)



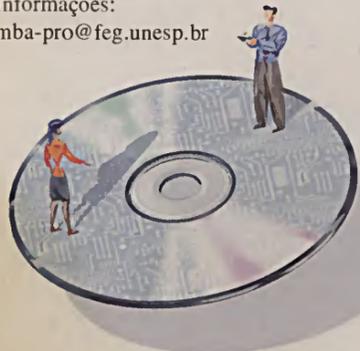
Ilustrações Paulo Zilbermon

• 8/03. Último dia de inscrição para o Curso de Especialização Pós-Graduação **Lato Sensu "Linguística de Texto e Ensino"**, a ser realizado de 9 de março de 2002 a 2 de fevereiro de 2003. Coordenação: Letícia Marcondes Rezende e Sílvia Dinucci Fernandes. Promoção: Departamento de Didática, Departamento de Linguística e Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Na FCL. Informações: Secretaria do Departamento de Linguística, (0xx16) 232-0444, ramal 133/164, com Marcelo, e na sala 82, ramal 226, com Cristina, mtorres@fclar.unesp.br, negrini@fclar.unesp.br ou <http://www.fclar.unesp.br/cur-sos/espec/linguistica.htm>

• 8/03. Início do Curso de Especialização Pós-Graduação **Lato Sensu em "Sexualidade Humana e Educação Sexual"**, com duração de três semestres. Coordenador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Promoção: Departamento de Psicologia da Educação e Núcleo de Estudos da Sexualidade (Nutex). Na FCL. Informações: segundas a sextas-feiras das 8h às 11h30 e das 14h às 17h pelo telefone (0xx16) 232-0444, ramal 226, com Cristina, ou, pessoalmente, nas salas 82 e 110. (Leia reportagem à pág. 4.)

GUARATINGUETÁ

• Março – Início do Curso de Especialização (Pós-Graduação **Lato Sensu**) em **Gestão da Produção**, a ser realizado até dezembro de 2002. 360 horas. Apoio: Núcleo de Estudos e Pesquisa da Engenharia de Produção da UNESP. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: mba-pro@feg.unesp.br



JABOTICABAL

• Março – Curso de **Iniciação à Informática**, com duração até junho. Coordenação: Euclides

de Braga Malheiros. No Laboratório Didático da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações: (0xx16) 3203-1322, ramais 202 e 219, eventos@funepcom.br e <http://www.funep.com.br>, na Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep), Setor de Eventos.

• Março – Curso de **Análise de Dados pelo SAS**, com duração até junho. No Laboratório Didático da FCAV. Coordenação: Euclides Braga Malheiros. Informações: (0xx16) 3203-1322, ramais 202 e 219, eventos@funepcom.br e <http://www.funep.com.br>, na Funep, Setor de Eventos.

• 16/03. V Curso sobre **Produção e Utilização do Nim (Azaratcha indica)** na Agropecuária. Na FCAV. Informações: (0xx16) 3203-1322, ramais 202 e 219, eventos@funepcom.br e <http://www.funep.com.br>, na Funep, Setor de Eventos.

• 18 a 22/03. Curso de Pós-graduação **Seed Vigor: An Essential Component of Seed Quality**. Na Sala 31 da Central de Aulas "Dr. Marcos A. Giannoni" da FCAV. Organização: Funep. Informações: (0xx16) 3203-1322, ramais 202 e 219, eventos@funep.com.br e <http://www.funep.com.br>

SÃO PAULO

• 2/03. Término do período de inscrição para o Curso de Pós-graduação **Lato Sensu em Artes**, a ser iniciado em março. Destinado a diplomados em cursos superiores, forma especialistas na área de pesquisa de estudos de cultura com ênfase no trabalho artístico, no campo das artes plásticas, teatro, literatura, música e multimídia. Coordenação de José Leonardo do Nascimento, do Instituto de Artes (IA). Du-

ração: três semestres. No IA. Informações: 274-4733, ramal 20, ou olga@ia.unesp.br

SÃO PEDRO

• 25 a 28/03. 13º Encontro Regional de Biólogos do Conselho Regional de **Biologia** CRBio-1 (SP, MT, MS). No Hotel Fazenda Fonte



Colina Verde. Participação de docentes da UNESP dos câmpus de Bauru, Botucatu, Jaboticabal e Rio Claro. Informações: (0xx11) 3884-1489, conselho@crbio1.org.br ou <http://www.crbio1.org.br>

MEDICINA

Relaxe. Não vai doer

Departamento de Anestesiologia comemora 25 anos de existência

Criado em 1977, o Departamento de Anestesiologia da Faculdade de Medicina (FM), câmpus da UNESP de Botucatu, orgulha-se de ser o primeiro do gênero, no Brasil. Reconhecido nacionalmente como um dos mais competentes e produtivos, celebra, neste mês, seu jubileu de prata. Para tanto, organizou uma série de atividades sociais, comemorativas e científicas, com destaque para quatro conferências, que serão proferidas pelos médicos Paul White, do Centro Médico da Universidade do Sudoeste do Texas, em Dallas (EUA), e Gavin Kenny, da Universidade de Glasgow (Escócia). As palestras serão realizadas

no dia 23 de março, no salão nobre da FM, a partir das 13h30, e contarão com a participação dos professores integrantes do Departamento.

De acordo com o anesthesiologista Pedro Thadeu Galvão Vianna, organizador do evento, espera-se a participação de 150 pessoas. "A anestesiologia é uma especialidade relativamente nova no País e tem muito o que crescer", declara. "Escolhemos importantes pesquisadores das escolas européia e americana para que os participantes tenham uma visão mais abrangente de suas especificidades." Segundo o também anesthesiologista Luiz Antonio Vane, que participará da conferência "Novas técnicas de sedação", o Departamento de Anestesiologia da FM vem sendo considerado o melhor centro de ensino do Brasil, em sua área: "Buscamos o avanço constante, por meio de parcerias com as mais renomadas instituições nacionais e internacionais, e dos nove docentes titulares em Anestesiologia do País, quatro integram a nossa equipe", afirma.

As inscrições podem ser feitas pelo telefone (14) 6802-6222 ou pelo e-mail anestesi@fmb.unesp.br



Hélio Tom

Kenny, da Universidade de Glasgow (Escócia). As palestras serão realizadas

FÍSICA

Eu, você, todos vamos entender

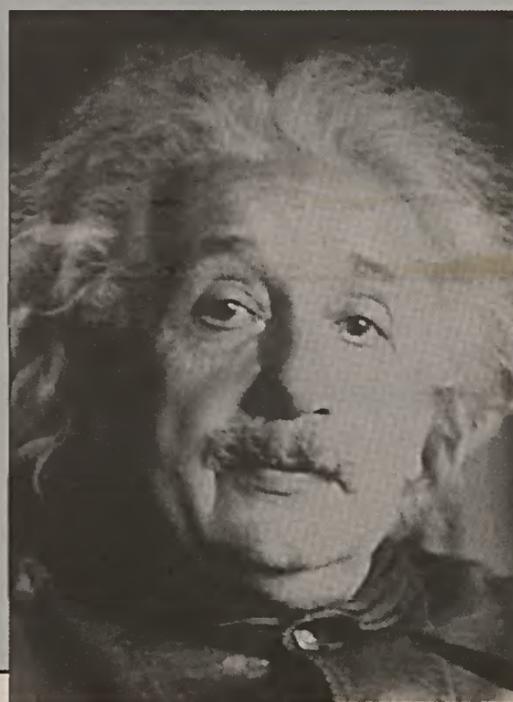
Instituto retoma ciclo de palestras sobre intrincadas questões da área

Se você sempre quis saber mais sobre os aparentemente insondáveis mistérios da física, mas teve vergonha de perguntar, esta é a sua chance. Partículas elementares, física dos materiais, raios cósmicos e teoria da relatividade são alguns dos temas que serão abordados na série de palestras "Física ao Entardecer", realizadas mensalmente no Auditório do Instituto de Física Teórica (IFT), em São Paulo. A abertura do ciclo, este ano, no dia 8 de março, é do físico Vicente Pleitez", do IFT. "Realizamos o evento desde 1999 para uma platéia variada, ávida de informações", diz o palestrante, que também coordena o curso.

Como a linguagem dos docentes nas palestras e debates é acessível ao público em geral, podem-se encontrar no auditório desde estudantes de segundo grau a pessoas com formação universitária em diversas áreas. "É uma forma de divulgação científica

muito mais eficaz do que aquela feita pelos jornais e revistas, já que, aqui, o ouvinte tem a oportunidade de interagir com o professor", afirma o físico Adriano Natale, do IFT, organizador das três edições anteriores do evento.

A programação deste ano inclui, em 12 de abril, "Física dos materiais e suas aplicações", de Roberto Faria, da USP/São Carlos; dia 10 de maio, "Raios cósmicos: o mistério continua", de Carlos Escobar, do Instituto de Física/Unicamp; e dia 14 de junho, "A relatividade de Einstein e a forma do espaço", de George Matsas, do IFT. As palestras serão realizadas no Auditório do Instituto, à Rua Pamplona, 145. Informações: (0xx11) 3177-9090.



Reprodução

Einstein: forma do espaço

Para lavar a alma

Com a fluidez da água, aquarelas emprestam leveza à nossa existência



Sem título, de Bernardelli: "pai da aquarela brasileira"

Após longos anos de ostracismo, técnica renasce no Brasil – talvez porque deixe aflorar a espiritualidade de que o mundo tanto precisa



High road (1931), de Edward Hopper

Aguadas ou a seco

Nos dois casos, papéis, tinta e pincéis são importados

Para fazer uma aquarela, é necessário papel importado, com gramaturas variáveis: de 180 g para trabalhos de dimensões menores (17 x 25 cm) e 270 g para formatos maiores (50 x 70 cm). O pincel deve ter cerda macia, preferencialmente de pêlo de marta. São necessários ainda uma esponja litográfica bem macia, para absorver sobras de tinta, tinta aquarela, uma prancha de Eucatex, para servir de suporte ao papel, e dois potes de água: um para diluir a tinta e outro, para limpar os pincéis. Há duas técnicas básicas: as aguadas e o papel a seco. Nas aguadas, o papel é umedecido e a tinta, diluída. Quando se trabalha com o papel seco, a tinta é diluída em água ou se trabalha diretamente com a aquarela em pasta, diluindo-a aos poucos em função do resultado que se almeja.

Quando um navegador estabelece o curso de um navio, fica sabendo aonde está e aumenta significativamente suas chances de chegar com segurança ao porto. Não pode, no entanto, por mais sofisticados que sejam seus aparelhos de navegação, traçar uma linha reta entre os pontos de chegada e de partida, pois enfrenta ventos, ondas e calmarias. Algo semelhante ocorre com a arte da aquarela. O artista plástico coloca-se na frente do papel em branco com um projeto em mente, mas a realização vai depender do meio no qual trabalha. A água, seja a enfrentada pelo viajante no mar ou a utilizada para diluir as tintas, sempre apresenta surpresas. "Trabalhar com aquarela é um desafio. Ao contrário do que ocorre com a tinta a óleo ou com o guache, não é possível fazer retoques. É preciso trabalhar com a certeza. O que está feito, está feito", descreve o aquarelista Norberto Stori, do Instituto de Artes da UNESP, câmpus de São Paulo. Stori sabe do que fala.

Completando 25 anos como colecionador e estudioso de aquarelas, além de ser, ele próprio, um exímio aquarelista, Stori ministra o curso de pós-graduação "Aquarela: sua história e seus processos pictóricos", no IA, onde participará do curso de pós-graduação *Lato Sensu* em Artes, a ser iniciado em março. (Outras informações à página 15, na seção Agenda). Ele levou, em outubro, seus trabalhos para a Universidade de Valladolid, na Espanha, e defendeu, no IA, sua tese de livre-docência *Da terra aos céus... um vôo solitário*, em que reflete sobre sua própria produção em aquarela e gravura. "Tudo isso está ocorrendo num momento em que a aquarela, após anos de ostracismo, em que foi tratada como arte menor, está renascendo no Brasil", diz Stori. "Por trabalhar com água, a aquarela tira o peso do ato de viver e deixa aflorar a espiritualidade de que o mundo tanto precisa. Por isso, renasce com tanta força", opina a artista plástica Iole Di Natale, coordenadora do Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina, criado em 1987, que congrega mais de cem artistas.

Stori define a aquarela como a técnica de pintar com pigmentos solúveis em água sobre papel. Antes do uso, esses pigmentos são suspensos em uma solução aglutinante, geralmente goma arábica. "A aquarela, seguindo esse conceito, nasceu com o homem primitivo, nas cavernas de Lascaux, na França, e Altamira, na Espanha, quando pigmentos misturados com água eram aplicados nas paredes, com os dedos, gravetos ou fragmentos de osso", afirma. As iluminuras, realizadas por monges medievais para decorar letras maiúsculas ou mesmo páginas inteiras sobre pergaminhos, também são antepassadas das modernas aquarelas. "O pai do gênero, em seu sentido moderno, foi o alemão Albrecht Dürer. No fim do século XV, começou a retratar plantas e animais com inigualável maestria", diz Stori. "O inglês Turner, no entanto, já no século XIX, foi o mais talentoso dos aquarelistas e o primeiro grande impressionista da história da arte."

O mestre de Stori e Iole, porém, é Emil Nolde (1867-1956), um alemão que, ao sofrer a perseguição nazista pelo seu estilo expressionista – que deformava os corpos humanos –, isolou-se e, para não ser denunciado pelos vizinhos, abandonou a tinta a



Papoulas Vermelhas, de Emil Nolde: mestre



O talento impressionista de Turner: Veneza: o grande canal (1840)

óleo, que exala um forte odor, e pintou aproximadamente mil aquarelas em cinco anos. "Passado este quarto de século às voltas com a aquarela, posso afirmar, sem medo de errar, que não fui eu que a escolhi, mas ela que me escolheu", conclui o pesquisador da UNESP.

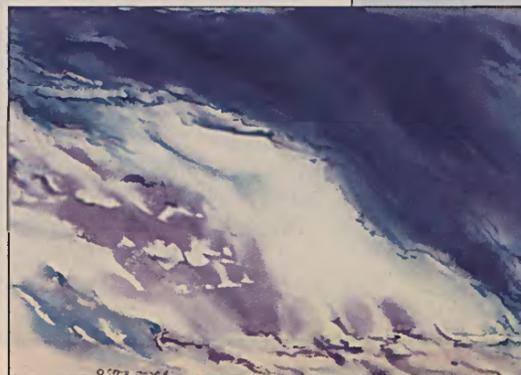


Stori: "Ela me escolheu"

Aquarela do Brasil

Técnica desembarcou no País com primeiros visitantes

A história da aquarela no Brasil começa com os viajantes estrangeiros, no final do século XVIII e início do século seguinte. Eles encontraram, nessa técnica de fácil transporte e secagem rápida, a forma ideal de reconhecer a colônia. "O pai da aquarela brasileira é Henrique Bernardelli. No começo do século XIX, ele viajou para a Itália e conheceu o trabalho de grandes aquarelistas italianos e ingleses", avalia a aquarelista Iole Di Natale, do Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina. Desvalorizada pela academia, que via a técnica apenas como um meio para realizar projetos que seriam posteriormente pintados a óleo, a aquarela foi utilizada na Semana de Arte Moderna de 1922 por Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Lasar Segall e Ismael Nery. Somente na segunda metade do século XX, ela ressurgiu com força, com mestres como Takaoka e Samsom Flexor, nos anos 1960; Nelson Nóbrega e Renina Katz, na década de 1970; e Iole Di Natale e Ubirajara Ribeiro, nos anos 1980. No panorama contemporâneo, destacam-se Cassiano Pereira Nunes, Mariana Martinell, Ivani de Castilho e Norberto Stori", diz Iole.



Ondas (1990), de Fayga Ostrower

Fotos reprodução

Noélla Ipê